

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTE - ICHCA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA
LINHA DE PESQUISA: SUBJETIVIDADE E CRÍTICA DO SUJEITO
MODERNO

**A identidade narrativa vista em *Pessoa*: um capítulo heterônimo de *O Si-mesmo*
*Como Outro***

Denis Ricardo da Silva

Maceió – AL/2017

Denis Ricardo da Silva

**A identidade narrativa vista em *Pessoa*: um capítulo heterônimo de *O Si-Mesmo*
como *Outro***

Monografia apresentada ao curso
de especialização em Filosofia Contemporânea
da Universidade Federal de Alagoas.

Orientação: Prof^a. Dr. Cristina Amaro Viana

Maceió – AL/2017

FOLHA DE APROVAÇÃO

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecária Responsável: Helena Cristina Pimentel do Vale

S586i Silva, Denis Ricardo da.
A identidade narrativa vista em Pessoa : um capítulo heterônimo de O si-mesmo como outro / Denis Ricardo da Silva. – 2017.
76 f. : il.

Orientadora: Cristina Amaro Viana.

Monografia (Especialização em Filosofia Contemporânea) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes. Programa de Pós- Graduação em Filosofia. – Maceió, 2017.

Bibliografia: f. 75-76.

1. Ricoeur, Paul, 1913-2005. 2. Pessoa, Fernando, 1888-1935. 3. Identidade social na literatura. 5. Narrativa (Retórica). I. Título.

CDU: 111:869.0

AUTOR: DENIS RICARDO DA SILVA

A identidade Narrativa vista em *Pessoa*: um capítulo heterônimo de *O Si-Mesmo como Outro*

Monografia apresentada ao curso de especialização em Filosofia Contemporânea da Universidade Federal de Alagoas e aprovada dia 09/05/2017

Prof^a. Dr. Cristina Amaro Viana, Filosofia - UFAL (orientação).

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr. Susana Souto Silva, Faculdade de Letras - UFAL (examinador externo).

Prof. Dr. Fernando Monegalha, Filosofia – UFAL (examinador interno).

Prof^a. Dr. Cristina Amaro Viana, Filosofia - UFAL (examinador interno).

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos aqueles que se consideram meus amigos e que torcem por mim, a toda minha família, em especial meus Pais: Maria de Fátima e Cicero Quintino. A todos os professores da especialização e os que colaboraram de alguma forma com este trabalho, em particular, a Professora Cristina pela ótima orientação e incentivo. Sobretudo, agradeço a existência da filosofia e da arte por me tornarem uma pessoa capaz de se sentir minimamente situada neste mundo.

AUTOCRIAÇÃO IMPESSOAL
(versos dedicados à obra pessoana)

Não sou, dito, nenhum deles.

*Eu mesmo: Antônio antônimo atônitosou
tudo o quanto escrevo.*

Denis Ricardo

RESUMO

Em filosofia, o problema da identidade pessoal corresponde a seguinte questão: O que é que é relevante, para que uma pessoa ao longo do tempo, dada as possíveis mudanças e trajetórias às quais está sujeita a passar durante a vida, possa ser reconhecida e identificada como a mesma? O que é suficiente para afirmar que a identidade pessoal permanece a mesma ao longo do tempo? Diante deste problema, em sua obra *Soi-Même Comme un Autre*, principalmente no quinto e sexto estudo do livro, Paul Ricoeur faz uma análise temática da relação entre *mesmidade* e *ipseidade*, sempre pressupostas na discussão da identidade pessoal. Tal análise se dá em função do desenvolvimento de uma teoria narrativa, que seja capaz de preencher a lacuna deixada pela distinção entre *mesmidade* e *ipseidade* ao caso da identidade pessoal. Sua intenção é a de que a teoria narrativa exercida como mediação entre elas seja o meio suficiente por onde uma pessoa se identifica como sendo a mesma ao longo do tempo. Tendo isso em vista, para dialogar com Ricoeur neste trabalho, estarão presentes: Fernando Pessoa, seu semi-heterônimo Bernardo Soares, bem como seus heterônimos Álvaro de Campos, Alberto Caeiro e Ricardo Reis, que de um modo predominante, ao abordarem a temática da subjetividade em seus escritos, seja em forma de prosa ou em forma de poesia, se dizem despersonalizados, fragmentados e incertos, confessos incapazes de encontrar a mediação de uma identidade enquanto unidade. Nesse sentido, buscaremos discutir e compreender pormenorizadamente o tema da identidade pessoal desde Paul Ricoeur e sua visão de identidade narrativa, bem como o sentido do caráter de fragmentação da subjetividade na obra e na vida de Fernando Pessoa, em interação com seus pares escritores fictícios, visando esmiuçar e compreender os limites da teoria da identidade narrativa Ricoeuriana, tomando o caso pessoano da manifestação da subjetividade múltipla, despersonalizada e em fragmentos como um contraponto a partir do qual se possa pensar limites à tese da identidade narrativa do Filósofo francês.

Palavras – Chave: Paul Ricoeur, Fernando Pessoa, Identidade, Narrativa.

ABSTRACT

In philosophy, the problem of personal identity corresponds to the following question: What is relevant, so that a person over time, given the possible changes and trajectories that are subject to pass through life, can be recognized and identified as the same? What is enough to assert that personal identity remains the same over time? Facing this problem, Paul Ricoeur, in his book *Soi-même comme un autre*, makes a thematic analysis of the relation between sameness and ipseity, always presupposed in the discussion of personal identity. This analysis is based on the development of a narrative theory capable of filling the gap left by the distinction between sameness and selfhood in the case of personal identity. Its intention is that the narrative theory exercised as mediation between them is the sufficient medium through which a person identifies himself as being the same over time. With this in view, to discuss with Ricoeur in this work, will be present: Fernando Pessoa, his Bernardo Soares, a Semi-heteronym as well as his heteronyms: Álvaro de Campos, Alberto Caeiro and Ricardo Reis, who in a predominant way, when approaching the subject of subjectivity in his writings, whether in the form of prose or in the form of Poetry, are said to be depersonalized, fragmented and uncertain, confessed unable to find the mediation of an identity as a unit. In this sense, we will seek to discuss and understand in detail the theme of personal identity since Paul Ricoeur and his vision of narrative identity, as well as the sense of the character of the fragmentation of subjectivity in the work and life of Fernando Pessoa, in interaction with his peers fictitious writers, Aiming at clarifying and understanding the limits of the theory of the Ricoeurian narrative identity, taking the personal case of the manifestation of the multiple, depersonalized and fragmented subjectivity as a counterpoint from which one can think limits to the thesis of the narrative identity of the French Philosopher.

Keywords: Ricoeur, Fernando Pessoa, Identity, Narrative.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. CAPÍTULO I - A IDENTIDADE NARRATIVA EM RICOEUR COMO MEDIÇÃO ENTRE MESMIDADE IPSEIDADE.....	14
1.1 O ponto de vista do sujeito em Ricoeur.....	13
1.2 O problema da Identidade Pessoal	17
1.3 O aspecto marcante da Mesmidade na tradição filosófica da identidade pessoal.....	18
1.4 Paul Ricoeur: distinções e relações complexas entre mesmidade e ipseidade.....	19
1.4.1 Mesmidade.....	19
1.4.2 Ipseidade.....	21
1.5 O que se entende por caráter dentro da problemática da identidade pessoal?.....	23
1.6 Palavra cumprida.....	24
1.7 Identidade narrativa.....	25
1.7.1 Características narrativas em prol da identidade pessoal.....	26
1.7.2 Identidade narrativa em mediação entre mesmidade e ipseidade.....	29
2. CAPÍTULO II - A IDENTIDADE PESSOAL SITUADA COMO UM PROBLEMA A PARTIR DE FERNANDO PESSOA	31
2.1 Considerações sobre os termos: heterônimo, ortônimo, semi- heterônimo em relação à identidade pessoal.....	34
2.1.1 Heterônimo.....	35
2.1.2 Ortônimo	37
2.1.3 Semi- heterônimo.....	44
2.2 A expressão da subjetividade em alguns escritos pessoais.....	47
3. CAPÍTULO III - RICOEUR E O CASO PESSOANO.....	59
3.1 Ricoeur e a mesmidade do caráter	59
3.2 O caso pessoano do caráter.....	60
3.3 Ricoeur e a manutenção de si pela palavra cumprida	63
3.4 O caso pessoano da manutenção da palavra.....	65

3.5 Ricoeur e a identidade narrativa.....	79
3.6 O caso pessoal da identidade narrativa.....	70
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	74
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	78

INTRODUÇÃO

“Narrei-me à sombra e não me achei sentido”

Fernando Pessoa

Em termos filosóficos, o problema da identidade pessoal é levado em consideração mediante a pergunta: como é possível saber que uma pessoa permanece, ela mesma, ao longo do tempo de sua vida, ao ponto de ser reidentificada como idêntica a si mesma, apesar dos momentos distintos que tenha que se apresentar em vida? O polo norteador dos estudos que seguem este trabalho será regido em contexto com essa indagação filosófica acerca da identidade de uma pessoa ao longo do tempo, o qual é considerado um problema clássico referente ao vasto campo de discussões inquietantes que abrangem a subjetividade humana, tratando-se aqui especificamente da identidade do eu.

Tecnicamente, o termo empregado em filosofia para se referir à identidade pessoal fora atribuído ao nome *mesmidade*. Nesse sentido, a mesmidade de uma pessoa de acordo com seu emprego tradicional veio a se referir à permanência de sua identidade enquanto ela mesma. Sendo assim, dentro desse contexto, o *mesmo* vem a significar idêntico. Referindo-se à identidade pessoal, o termo *mesmidade de uma pessoa* corresponde à pessoa idêntica a ela mesma.

No entanto, essa noção de mesmidade atribuída à identidade pessoal ficara restrita a um âmbito de conceituação de substância do problema, a qual fora tratada por muitos filósofos modernos como um problema de identificação de critério substancial atemporalmente considerado. Dessa forma, todo e qualquer traço de uma pessoa sujeito às mudanças não era levado em consideração, no âmbito dessa discussão de critério de identidade substancial. A caracterização de um critério desse tipo, nesse sentido, seria identificar em alguém algo que se mantém imutável, idêntico, isento das mudanças às quais uma pessoa está sujeita a passar ao longo da vida. Em outras palavras, substancialmente falando, aquilo que em uma pessoa permanecesse imutável, ali

residiria o núcleo de sua identidade pessoal. Esta é uma tradição fortemente representada por filósofos modernos como Locke e Leibniz¹, por exemplo.

Ainda em ligação com essa tradição, mas em tom de crítica, aparecerá, principalmente nas figuras de Hume e Nietzsche, pensadores que põem em crise a possibilidade de existência de um centro referencial que designe a identidade pessoal, abrindo margem, desse modo, para uma concepção ilusória do eu como unidade. Esses filósofos são reconhecidos como críticos da noção de eu.

Tendo em vista esse impasse da tradição referente à identidade pessoal, em *O Si-Mesmo como Outro*, Ricoeur irá propor uma concepção de identidade pessoal desvinculada de sua noção de substância comumente enraizada e inspirada na centralidade de um cogito cartesiano. Desse modo, ele irá propor uma interpretação de identidade entre os extremos das filosofias dos pensadores críticos da noção de eu e a fixação da identidade enquanto substância. Isto é, Ricoeur propõe designar uma identidade pessoal que diga respeito também à dinâmica dos agentes em vida. Isso implicará numa oposição à noção formal da identidade pessoal substancializada e em favor de uma noção de identidade perpassada através de uma história em que não seja levado em consideração apenas o polo mesmidade da identidade pessoal, mas também o polo de sua ipseidade.

Nesse sentido, o problema da identidade pessoal em filosofia é revisto e resignificado por Ricoeur em sua obra *O Si-Mesmo como Outro*, cujas características de sua noção hermenêutica de identidade se apresentam principalmente nos estudos 5 e 6 da obra, estudos estes que ocuparão papel central na participação de Ricoeur em nosso trabalho.

Em Ricoeur, o ponto de partida da designação da identidade pessoal é a *identidade- ipseidade*, concebida por ele enquanto oposição a uma identidade formal e substancialmente considerada. Sendo assim, a noção de identidade pessoal levada em consideração por este filósofo, mantém uma estreita relação com o mundo prático, de ações, interações e relações, entrecortadas por alteridades que exercem, também, participações muito importantes na dinâmica da formação dessa nova perspectiva de identidade.

¹ Nossa principal referência filosófica nessa pesquisa é Paul Ricoeur, entretanto, em caráter de introdução mencionaremos de passagem alguns outros filósofos que de uma forma ou de outra também estão ligados ao estudo da subjetividade e da identidade pessoal, apesar de não estarmos diretamente trabalhando com suas respectivas filosofias, como é o caso, por exemplo, de Locke, Leibniz, Hume e Nietzsche.

Nesta perspectiva prática, mesmidade (idem) e ipseidade (ipse) são vistas como formas de identificações da identidade pessoal. De modo que a primeira terá em Ricoeur uma interpretação ligada ao *caráter* e a segunda, uma interpretação ligada ao cumprimento de uma palavra dada. Entretanto, segundo Ricoeur, essas duas formas de identificação consistem em polos opostos de se conceber a identidade pessoal. Na dinâmica da história de uma vida, uma tende a se sobrepor à outra ao longo do tempo. Por isso que, para mediar e garantir um sentido de unidade à identidade da história e da vida que a percorre, Ricoeur considera o conceito de identidade narrativa como fundamental, ou seja, apesar das dinâmicas que alguém tem que passar ao longo de uma história percorrida, a narrativa mantém a vida concentrada numa unidade, a saber, uma unidade singular e idêntica a si mesma.

No que diz respeito à concepção narrativa da identidade pessoal proposta por Ricoeur, nosso trabalho tem como objetivo tomar como ponto de diálogo para servir de interlocução à proposta de identidade narrativa do filósofo francês, a figura emblemática de Fernando Pessoa. Consideramos que o problema da identidade presente na perspectiva do poeta português, devido à grandeza multifacetada de seus escritos e da referência à subjetividade lhe ser tão paradoxal, seja em obra, seja em sua própria vida, seja na interação entre uma e outra, que nos conduz a uma profunda discussão acerca de questões fundamentais que envolvem o debate da identidade pessoal em filosofia, especificamente, no que diz respeito à interpretação de identidade narrativa de Ricoeur.

Sendo assim, nosso trabalho tem a pretensão de investigar em diálogo com a questão emblemática da criação fictícia de heterônimos, bem como a semi-heteronímia e a ortonímia presentes na vida e na obra de Fernando Pessoa e a influência desses fenômenos sobre o tema da subjetividade no poeta, a temática da identidade pessoal vista sob o olhar do filósofo francês Paul Ricoeur, levando em consideração o papel mediador da narrativa na distinção e relação entre mesmidade e ipseidade em função do desenvolvimento da identificação do si.

Portanto, estabelecemos para o corpo de nossa pesquisa a seguinte ordem estrutural de argumentação e leitura.

1. Entender precisamente as características da identidade narrativa e o papel mediador que ela exerce entre as dimensões: mesmidade e ipseidade presentes na discussão da identidade pessoal realizada por Ricoeur no quinto e sexto estudo de *O Si-Mesmo como Outro*.

2. Apresentar e analisar em pormenores a complexidade, o labirinto, a fragmentação, o esfacelamento e a multiplicidade da subjetividade elencadas na figura e em alguns escritos Pessoaanos, buscando, por meio da particularidade da questão da identidade em Pessoa, suscitar possíveis limites aos elementos narrativos da identidade narrativa de Paul Ricoeur.

3. Colocar frente a frente as características da subjetividade nos escritos pessoanos, especificamente sua relação com a poesia de Álvaro de Campos, a prosa de Bernardo Soares e as cartas de autoanálise escritas pelo autor, com a proposta da teoria de identidade narrativa defendida por Paul Ricoeur.

4. Colaborar filosoficamente com a inserção do problema da subjetividade em Pessoa numa discussão filosófica, bem como demonstrar, através de um autor literário da magnitude de Fernando Pessoa pontos, questionáveis à tese de um filósofo tão importante para a discussão contemporânea da identidade pessoal.

Dessa forma esperamos contemplar às perspectivas de uma boa pesquisa e uma boa discussão acerca de uma temática tão estudada em nossos dias atuais e que ao mesmo tempo, está tão ligada intimamente ao que nos inquieta particularmente, acerca de nossa participação, designação e significação para com a existência da humanidade.

1. A IDENTIDADE NARRATIVA EM RICOEUR COMO MEDIAÇÃO ENTRE MESMIDADE E IPSEIDADE

Narro indiferentemente a minha biografia sem factos, a minha história sem vida.

Bernardo Soares

1.1 O ponto de vista do sujeito em Ricoeur

O título do prefácio de *O Si -Mesmo como Outro* (RICOEUR, 2014), vale lembrar, anuncia-se como *A questão da ipseidade*, de imediato ao explicar o sentido do título de seu livro e sua relação com a significação do termo *Si* e *Si-Mesmo* (ipse, ipseidade), Ricoeur afirma categoricamente que *designar-se a si mesmo* é a forma canônica a ser levada em consideração, ao longo dos estudos que compõem tal obra. Ao que tudo indica esta afirmação quer dizer, no contexto das análises que serão abordadas pelo autor, que o sujeito estudado em questão é alguém capaz de autodesignar-se. No entanto, tal designação não se dá de maneira isolada, não é uma designação que basta a si mesma, mas ao contrário disso, é uma designação do sujeito implicada na alteridade.

Desse modo, assim como o próprio título da obra sugere, o ponto de vista ricoeuriano irá tratar de um sujeito que se designa a si mesmo como outro, enquanto alteridade, *alteridade que possa ser constitutiva da própria ipseidade* por assim dizer um si mesmo-outro.

Osi-mesmo como outro sugere logo de saída que a ipseidade do si mesmo implica a alteridade num grau tão íntimo que uma não pode ser pensada sem a outra, uma passa para dentro da outra [...]. Ou como gostaríamos de atribuir não o significado forte não só de comparação – si mesmo semelhante a outro – mas sim de implicação: si mesmo na qualidade de outro (RICOEUR, 2014, p.14).

Desde já se pode perceber aqui a presença marcante de dois termos: ipseidade e alteridade. Estes termos estão totalmente emaranhados na concepção hermenêutica do si

desenvolvida por Ricoeur (o sentido de ipseidade bem como o de mesmidade serão discutidos adiante). Em suma, *O Si -Mesmo como Outro* é uma obra inteira dedicada à ipseidade². No entanto, esta dedicação é um estudo de um sujeito designando-se a si mesmo e na qualidade de outro, num sentido de exercer a ação de sua designação por uma história percorrida e que se percorre ao longo de uma vida.

Esta visão da subjetividade concebida por Ricoeur encontra-se entre o *cogito* cartesiano, extremado e desancorado do mundo, interpretado por ele como um *sujeito enaltecido* e o sujeito nietzschiano, visto enquanto multiplicidade, derivado da elevação, até às últimas consequências, da própria dúvida hiperbólica cartesiana, por onde Nietzsche, de modo ácido e ironizador, acaba desconstruindo a certeza do *cogito* cartesiano, chegando desse modo ao que Ricoeur chama de *sujeito humilhado* ou *cogito partido*³. Nesse sentido, entre uma tradição de extremos, que afirma por um lado com Descartes, um sujeito substanciado e único, universalmente racional; e por outro lado, uma tradição que nega uma unicidade à subjetividade e a coloca como uma subjetividade múltipla e partida e a identidade como uma ilusão, o autor de *O Si -Mesmo como Outro* propõe um caminho alternativo, frente a essas duas tendências de encarar a questão da subjetividade. O caminho a ser trilhado por Ricoeur para tratar desta questão será o de uma *hermenêutica do si-mesmo*, que seria em resumo: uma filosofia da subjetividade desenvolvida entre a filosofia do *cogito* e a filosofia do anticogito. Cujos estudos estão impulsionados pelas seguintes indagações: *quem fala? quem age? quem se narra? quem é o sujeito moral da imputação?* Estes quatro sentidos da hermenêutica do si perpassam toda questão da subjetividade abordada por Ricoeur em *O Si -Mesmo como Outro*. Neste trabalho especificamente nos manteremos na discussão impulsionada pela pergunta *Quem se narra?* Destinada ao problema da identidade narrativa e interligada ao problema da identidade pessoal, tendo em vista a relação entre mesmidade e ipseidade debatida pelo autor.

Vale ressaltar que uma hermenêutica do si se opõe ou está para além de uma filosofia do *cogito* ou de um anticogito. *Dizer si, não é dizer eu. O eu se põe – ou é disposto. O si é implicado a título reflexivo em operações cuja análise precede o retorno para ele mesmo*(RICOEUR. 2014, p, 23). A filosofia do *cogito* tem em vista um

²Nos 4 primeiros estudos da obra mencionada Ricoeur faz essa discussão com a filosofia analítica da linguagem e a pragmática e já nos estudos 7,8, e 9 o pano de fundo de sua discussão é a Ética. Concentraremos nos principalmente nos estudos 5 e 6 onde é debatido o problema da identidade pessoal e a identidade narrativa.

³Ricoeur também propõe uma quebra do *cogito* cartesiano, entretanto não no sentido extremo de desconstrução da filosofia Nietzschiana na qual anula do sujeito qualquer espécie de unidade.

sujeito imediatizado, um sujeito da eguidade, substancializado, isento de análise e absolutamente fechado em sua conceituação formal. Por assim dizer, a filosofia do cogito tem em vista um eu pronto, conceitualmente estabelecido, enquanto que o *si* ricoeuriano trata-se de uma subjetividade em ação de construção, pautada por reflexões e análises de si- mesmo durante uma trajetória de vida.

Todavia, esta tarefa hermenêutica que o *si* exerce pela ação de construção de analisar-se, designar-se e constituir-se, segundo o contexto da filosofia de Ricoeur, ocorre mediante a alteridade. O aspecto hermenêutico da subjetividade, neste sentido, reside na máxima de que, ao interpretar o mundo, os seus símbolos, sua história, seus personagens ou a alteridade de uma maneira geral, assim também a subjetividade se faz e se identifica através da ação de interpretação de si-mesmo como alteridade.

Segundo Ricoeur, sua hermenêutica do si é introduzida pela pergunta *quem?* Em oposição à pergunta coisificada *o quê?* Por trás desta última questão, está a dimensão do cogito, a busca por uma coisa que seja certa e verdadeira. A saber, o resultado dessa busca é uma coisa pensante, um eu-alma, certo e verdadeiro, indubitável e fundamento primordial da subjetividade, determinadamente, indiferente àquilo que aparece ou está sujeito a modificações. Por outro lado, ao mudar o foco da pergunta do problema da subjetividade do *quê* para o *quem*, Ricoeur transfere a temática da subjetividade do campo meramente metafísico-epistemológico para o campo da ética e da ação. Todos os sentidos das indagações “quem” já citadas por nós (*quem fala? quem age? quem se narra? quem é o sujeito moral da imputação?*) e que perpassa o problema da subjetividade em o *Si-Mesmo como Outro* apoia-se numa temática geral de compreensão indissociável de uma filosofia da prática.

Em certo sentido, pode-se dizer que o conjunto desses estudos tem como unidade temática o *agir humano*, e que, ao longo deles, a noção de ação adquire extensão e concretude crescentes. Nessa medida, a filosofia que se desprende da obra mereceria ser chamada de filosofia prática e ser aceita como filosofia segunda [...], após o fracasso do *Cogito* em se constituir como filosofia primeira e resolver a questão do fundamento último. (RICOEUR, 2014, p. 24)

Por esta ótica, o sujeitoricoeuriano é um sujeito analisado, um sujeito ético, sujeito da ação, que se faz, adquire hábitos, envolto numa história e aberto a contingências. Além do mais, toda ação no campo da ética pressupõe uma alteridade. Portanto, é nesse estatuto de uma Ética que (*O Si-Mesmo como Outro*), o próprio

sentido da temática da identidade pessoal mediada por uma identidade narrativa ganhará ressignificação como veremos adiante.

A princípio, o que podemos atestar é que a questão da subjetividade em Ricoeur está dentro de uma teoria da ação. Por assim dizer no plano de uma Ética. Desse modo, como nos atesta o próprio filósofo: *A teoria da ação constitui uma disciplina autônoma, em razão das características próprias do agir humano e da originalidade do elo entre o agir e seu agente*(RICOEUR, 2014, p. 24).

Na esteira desse raciocínio, a subjetividade é tomada como um si na qualidade de outro capaz de designar-se a si mesmo num movimento prático de designação.

Em suma, o si mesmo enquanto alteridade, contextualizado na dimensão do agir humano, constitui-se ele mesmo, sujeito, não em virtude de um fundamento último, substrato necessário, universal, certeza verdadeira epistemológica, ou uma coisa pensante desancorada de uma história percorrida. O si mesmo ricoeuriano não é atemporal, especulativo, mas, no sentido oposto do *cogito* cartesiano ele se desenvolve imerso numa temporalidade frente à alteridade e ao longo de toda uma vida; afetado por encontros e desencontros, aberto a contingências, caminhos variados, mas capaz de designar-se numa unidade e encontrar-se como alguém no percurso de uma história vivida por ele mesmo dentro do contexto de uma narrativa.

1.2 O problema da Identidade Pessoal

Tradicionalmente o problema da identidade pessoal é encarado pelos filósofos correspondendo à seguinte questão: O que é que é relevante, para que uma pessoa ao longo do tempo, dada as possíveis mudanças e trajetórias as quais está sujeita a passar durante a vida, possa ser reconhecida e identificada como a mesma? Se pararmos para observar, no mundo cotidiano, em nossas relações familiares, por exemplo, somos tomados como os mesmos por nossos parentes. Sejam eles parentes próximos ou distantes, desde a infância até nos tornamos adultos, digamos assim, somos identificados como sendo os mesmos. Mas como é que a criança do passado e o adulto presente podem ser a mesma pessoa? Como é que se pode saber que um ser passado e futuro são o mesmo? O que é suficiente para afirmar que a identidade pessoal permanece ao longo do tempo? Eis aí, portanto, algumas questões que se articulam com o problema filosófico da identidade pessoal.

Para ilustrarmos ainda mais nossa questão, de modo a esclarecer nitidamente a questão fulcral com a qual estamos debatendo neste primeiro momento, vejamos a seguir um excelente exemplo de como a questão da identidade pessoal é colocada.

Uma pessoa adulta tem em suas mãos uma foto de uma criança, digamos, de cinco anos de idade, e fala para seus amigos, apontando para a foto: “Este sou eu”. Naturalmente, os interlocutores poderão falar muitas coisas sobre a revelação feita, como por exemplo: “Seu cabelo mudou bastante!” ou “Você continua com o mesmo olhar!” ou ainda “Como você mudou!”. No entanto, é muito improvável que alguém, fora de uma situação de inquirição filosófica, pergunte: “Como é que você pode saber que esta criança da foto e você são exatamente a mesma pessoa?” (VIANA, 2007, p.16).

Tendo em vista essa grande temática filosófica, na qual está inserida o projeto filosófico da obra *O Si-Mesmo como Outro*, Ricoeur se propõe a encará-la, trazendo-a para o terreno da dimensão do agir humano, onde se constitui, como vimos anteriormente, o processo de desenvolvimento da subjetividade, em sua perspectiva filosófica de uma hermenêutica do *si*. Para tanto, ele irá inserir dentro dessa discussão a questão da *ipseidade*, distinguindo-a e intercalando-a com a questão tradicional de se investigar em filosofia a identidade pessoal que é, a saber, questão da *mesmidade*.

Em *O Si-Mesmo como Outro* Ricoeur não apenas sistematiza o sentido de mesmidade; além disso, ele lhe dá ressignificação e a faz levando em consideração a *ipseidade* cujo termo exerce um papel primordial no desenvolvimento de sua tese de identidade pessoal.

1.3 O aspecto marcante da Mesmidade na tradição filosófica da identidade pessoal

De um modo geral, a mesmidade seria algo que identifica alguém como igual a ele mesmo. Seria aquilo que permanece inalterável. Este termo tradicionalmente foi encarado como o “quê,” o ponto “x” da identidade pessoal. Portanto, para a maioria dos filósofos, a questão da identidade pessoal reside no foco da busca referencial no horizonte de uma *mesmidade* para poder justificar conceitualmente o que identifica uma pessoa como ela mesma, ao longo de uma vida.

O substantivo “mesmidade” deriva do termo “mesmo”; esta palavra, por sua vez, costuma ter dois sentidos: o sentido comparativo e o sentido numérico. No sentido comparativo, “mesmo” significa “igual”. Por exemplo, quando dizemos “Este livro que você comprou é o mesmo que eu tenho lá em casa”. Já

no sentido numérico, “mesmo” significa “idêntico”, como, por exemplo, na frase: “Este livro que você encontrou é o mesmo que perdi na semana passada. Queira, por gentileza, me devolvê-lo”. Está claro que a mesmidade, referida acima, envolve o uso de mesmo no sentido numérico, e não no sentido comparativo (VIANA, 2007, p.16).

Este sentido de mesmidade esteve durante muito tempo no cerne da discussão do problema da identidade pessoal. Esta questão foi classicamente levada adiante por filosofias de cunho metafísico e isso ocorreu devido ao argumento de que para se garantir um critério capaz de identificar uma pessoa como a mesma em momentos distintos, tal critério precisaria estar além das mudanças empíricas às quais a vida cotidiana e contingente está sujeita. A filosofia cartesiana é um modelo exemplar desse aspecto metafísico com o qual a mesmidade esteve envolvida principalmente em seu sentido moderno. A substância racional cartesiana é um modo de resposta compatível à exigência referencial da identidade pessoal tomada enquanto mesmidade. Afinal de contas, Descartes nas *Meditações* ao se confrontar com a pergunta quem sou eu? ofereceu uma resposta totalmente compatível ao sentido metafísico ao qual a mesmidade corresponde: “eu sou uma coisa que pensa”. Por sua vez, esta resposta totalmente substancializada, claramente não leva em consideração uma permanência no tempo, uma pluralidade, ou uma ipseidade; termo este o qual Ricoeur vai inserir em sua tarefa de configurar uma abordagem ética desta questão.

1.4 Paul Ricoeur: distinções e relações complexas entre mesmidade e ipseidade

1.4.1 Mesmidade

Ao tratar do problema da identidade pessoal em *O Si-Mesmo como Outro*, especificamente nos estudos cinco e seis, Paul Ricoeur propõe, em articulação com a teoria narrativa, que pretende desenvolver para pensar o que ele vai chamar de hermenêutica do si, a “dialética concreta” entre mesmidade e ipseidade.

Inserido nos limites de seus estudos, a mesmidade (latim *idem*; inglês *sameness*; alemão *Gleichheit*), inicialmente, corresponde a três sentidos: “identidade numérica”, “identidade qualitativa”, “continuidade ininterrupta”. Com isso se quer dizer primeiramente que ela é “um conceito de relação e uma relação de conceitos”. Isto é, que tais termos não são completamente distintos um do outro, mas dão sentido a definição e abrangência do próprio termo mesmidade através da interação entre eles.

Tendo isso em vista, o primeiro conceito correspondente de identidade mesmidade analisado por Ricoeur diz respeito à “identidade numérica”. Com isso se quer apontar que, mesmo alguém participando de duas ocorrências distintas, tais momentos não escapam à designação de uma mesma coisa, estando eles assim dentro de uma unicidade. O esclarecimento deste conceito implica dizer que nele mesmo existe uma operação de identificação e reidentificação e o conhecimento deste processo se dá através do reconhecimento do mesmo em inúmeras vezes. Seguindo este raciocínio, a mesmidade enquanto “identidade numérica” exige para si sempre um centro referencial de unicidade que possa identificar sua singularidade.

Num outro sentido de conceituação da mesmidade, Ricoeur fala em “identidade qualitativa”. Nas palavras deste pensador, esse aspecto da identidade mesmidade *corresponde à operação de substituição sem perda semântica salva veritate*; com isso se quer dizer que a identificação mesmidade também pode se dar por uma semelhança extrema entre as várias qualidades apresentadas em vários momentos no tempo, também estando o grau de dificuldade de reconhecimento, de acordo, com a distância temporal de que se tem entre um evento e outro. Aqui, se quer significar que o critério da semelhança qualitativa se fragiliza em caso de grande distância no tempo. Porém, a garantia que se tem de mesmidade ocorre pelo fato de identidade numérica e identidade qualitativa se manterem numa relação conceitual de articulação em que uma não se reduz à outra, mas se complementam quando a tarefa é manter a mesmidade de uma identidade.

A abertura que se tem das circunstâncias de fragilidade encontradas pela “identidade qualitativa” permite à mesmidade entrar no seu terceiro sentido conceitual, intitulado de “continuidade ininterrupta”. Este conceito de mesmidade, tanto quanto o primeiro e o segundo, tem como pano de fundo a permanência no tempo. Ora, o que se diz aqui é que, apesar de todas as dessemelhanças que podem se manifestar, ao longo do tempo, a questão da mesmidade exige algo que continue e permaneça ininterrupto no tempo, apesar da distância de caracteres de idades sucessivas de uma vida serem tomados um a um, em momentos distintos. Portanto, o que temos entre esses três pontos, tratando-se da identidade mesmidade em relação à identidade pessoal, é que ambas apontam para um ponto de significação forte, onde se possa dizer que há alguma coisa que nos possibilita designar de um indivíduo que ele é o mesmo. E isso se dá pela identificação de significação forte de permanência no tempo da identidade *idem*.

Aqui é importante destacar, antes de seguirmos em frente, que tanto mesmidade quanto ipseidade, tal como são encaradas e estudadas por nosso autor, são levadas em consideração em conformidade com uma permanência no tempo e também “levam em conta o fato de que a pessoa de quem se fala e o agente do qual a ação depende têm uma história, são sua própria história” (RICOEUR, p. 112). Além do mais, trata-se da identidade de um sujeito que tem a capacidade de autodesignação e significação para com ele mesmo, no entanto, tal designação ocorre perante o outro e na qualidade de um outro, no mundo.

1.4.2 Ipseidade

Durante o quadro anterior acerca do assunto abordado sobre identidade-mesmidade, em todas as suas três conceituações, observamos, que a questão pela permanência no tempo de algo que diga respeito ao, “quê” do idem, torna-se preponderante quando se exerce a tarefa de pensar o problema da identidade pessoal nesta dimensão.

Ao passar para a dimensão da ipseidade (latim: *ipse*; inglês; *selfhood*; alemão; *selbstheit*), a exigência pela permanência no tempo persiste, de modo que, segundo Ricoeur, perpassa pelo polo da ipseidade uma análise sobre a seguinte questão: há “alguma forma de permanência que seja uma resposta à pergunta quem sou e que seja irreduzível a toda pergunta o quê?” (RICOEUR, 2014, p.118).

Neste ponto de indagação, salientamos que, para Ricoeur, o termo ipseidade é tomado em sentido distinto do de mesmidade concebido tradicionalmente (igualdade, mesmo,). Por ipseidade, de acordo com os estudos ricoeurianos já em *Tempo e narrativa III*, por exemplo, nas conclusões, se entende o “si- mesmo” em oposição ao mesmo propriamente dito, substancializado e abstrato. Este último, por sua vez é uma mesmidade formal, não admite em seu estatuto, qualquer tipo de mudança, variabilidade, dinâmica, diversidade, heterogeneidade etc. Todas estas características são pertinentes ao nível da ipseidade enquanto si-mesmo que se designa como tal levando em consideração todas essas variantes. Desse modo, o ponto de partida do autor sobre essa questão é o seguinte:

Ou se coloca um sujeito idêntico a si mesmo na diversidade de seus estados, ou se considera na esteira de Hume ou de Nietzsche, que esse

sujeito idêntico é somente uma ilusão substancialista, cuja eliminação só revela um puro diverso de cognições, de emoções e de volições. Desaparece o dilema se substituímos a identidade compreendida no sentido de um mesmo (*idem*) pela identidade compreendida no sentido de um si mesmo (*ipse*): a diferença entre *idem* e *ipse* não é senão a diferença entre uma identidade substancial ou formal e a identidade narrativa(RICOEUR, 1997, p.424).

Nos finais destes estudos onde a questão da identidade pessoal neste autor começa a ganhar forma podemos perceber que ela aparece expressada através da questão possível de se colocar “um sujeito idêntico a si mesmo na diversidade de seus estados” que pode ser compatível com a questão de se propor pensar a identidade através da ipseidade enquanto uma forma de permanência no tempo e “que seja uma resposta a pergunta quem sou e que seja irreduzível a toda pergunta o que?” (*O Si-mesmo como Outro*)

Além disso, a dimensão *ipse* é tomada nesse momento, como uma identidade dinâmica mediada por uma identidade narrativa e em oposição ao *idem* sendo este diretamente definido como uma identidade substancial.

O ponto a ser observado é a proposta de substituição de se pensar a identidade não mais como uma identidade *idem* e substancializada, mas sim, de se pensar uma identidade-ipseidade, assim seja, uma identidade dada pela narrativa. Ou seja, pensar o dilema entre o mesmo e o outro característico da dinâmica da relação entre ipseidade e mesmidade mediado por uma unidade narrativa.

Em *O Si-mesmo como Outro*, onde se desenvolve um estudo detalhado sobre a ipseidade, Ricoeur aprofunda esta questão: *a ipseidade do si implicará alguma forma de permanência no tempo que não seja redutível a determinação de um substrato[...] que não seja simplesmente o esquema da categoria de substância (RICOEUR, 2014, p. 118)?* Nesse sentido quando se fala em mesmidade, ele o faz levando em consideração a identidade-ipseidade e suas formas de permanência no tempo (*caráter* e *palavra cumprida*). Assim, a partir do campo da ação e da contingência, da dinâmica dos acontecimentos, a mesmidade aparece em oposição ao *ipse*, mas agora expressada através do caráter, a saber, em articulação com uma forma de permanência no tempo que envolve a ipseidade.

A resposta para questão citada no parágrafo anterior é que, levando em consideração a ipseidade, existem duas formas de disponibilidade de permanência no tempo, a saber, sobre nós mesmos: o “caráter” e a “palavra cumprida”. Com esses dois

termos e pela disponibilidade que cabe a cada um deles: sendo a permanência do caráter, aquilo que se sobrepõe ao problema da identidade pessoal, em que a sua disponibilidade apresenta-se de modo que *idem* e *ipse* aparecem coincidentes; enquanto que a palavra cumprida seria a expressão do afastamento da permanência entre esses dois termos, marcando assim também a irredutibilidade restrita que existe entre ambos. Neste contexto de discussão, Ricoeur acredita estar diante do verdadeiro paradigma que perpassa a questão da identidade pessoal. É nesse sentido então que ele apresentará mais adiante a identidade narrativa como uma intervenção que garante a mediação entre essas duas disponibilidades paradoxais presentes na dimensão histórica de uma vida.

1.50 que se entende por caráter dentro da problemática da identidade pessoal?

Entendo aqui por caráter o conjunto das marcas distintivas que possibilitam reidentificar um indivíduo humano como sendo o mesmo. Pelos traços descritivos que vão ser ditos, ele acumula a identidade numérica e qualitativa, a continuidade ininterrupta e a permanência no tempo. É assim que ele designa de modo emblemático a mesmidade da pessoa (RICOEUR, 2014, p. 119).

Com estas palavras Ricoeur anuncia um dos pontos fundamentais de sua teoria sobre a questão da identidade pessoal. O termo “caráter” aqui ganha caracterização em tom de uma “disposição adquirida”. Por sua vez, “disposição”, também é dita no sentido de uma dimensão temporal e vinculada à noção de hábito⁴.

A disposição do hábito também se dá no tempo e de forma que acontece como uma disposição adquirida significativamente na temporalidade, constituindo assim uma história e um traço de identificação do caráter. Desse modo, a disposição adquirida através do hábito se sedimenta, permitindo ao caráter a expressão de permanência no tempo, a ponto do *idem* coincidir ao *ipse*, preparando todo o cenário de reidentificação, para que se possa dizer: “meu caráter sou eu, eu mesmo, ipse; mas esse ipse que se anuncia como *idem* (RICOEUR, 2014, p. 121)”. Isso quer dizer, portanto, que, para Ricoeur, dentro de toda complexidade de relação entre mesmidade e ipseidade que abrange a identidade pessoal, o caráter é um conjunto de traços ou signos distintivos pelo qual uma pessoa se reidentifica e se reconhece como sendo a mesma. Cabe ressaltar que a disposição adquirida do hábito inclui e se faz por sedimentação, mas

⁴ O referencial de Ricoeur acerca do conceito de hábito aqui é Félix Ravaisson (1823-1900) do livro *De l'habitude*(1838).

também por inovações. Ou seja, existem novos hábitos que são adquiridos ao longo do tempo e alguns hábitos podem perder seu grau de importância sedimentada em função de novas disposições que uma pessoa venha a adquirir.

Ainda acerca do caráter, outra noção que se tem, a partir de Ricoeur, é a de “identificações adquiridas”. Este termo vem significar uma certa parcela de alteridade com que uma pessoa, por reconhecimento do outro, adquire valores que lhe afetam exteriormente, de acordo com o contexto de suas relações de reconhecimento com quem ela vem se relacionando a medida do tempo vivido narrativamente. A identificação com figuras heroicas, manifesta claramente essa alteridade assumida. Para Ricoeur, é desse modo também que se adquire e se estabilizam preferências, apreciações e estimativas de tal modo que uma pessoa se reconhece por suas disposições que podem ser chamadas de valorativas.

Tendo enfim estas duas noções basilares de “disposição adquirida” do caráter, (hábito e reidentificação adquirida) chega-se à conclusão de que no conjunto dos traços de caráter o “quê” se sobrepõe ao “quem”, ou melhor, a mesmidade em todos os seus sentidos de conceituação sejam eles: identidade numérica, identidade qualitativa, continuidade ininterrupta e permanência no tempo, se engrandece ao passar da pergunta “quem sou?” “para a pergunta o que sou eu?” E nesse sentido, seguindo o raciocínio do quinto estudo do *Si-mesmo como Outro* a resposta correta seria: realmente, o “que,” do “quem,” do problema identidade pessoal é o seu caráter.

Com essa estabilidade extraída dos hábitos e das identificações adquiridas, em outras palavras, das disposições, o caráter garante, ao mesmo tempo a identidade numérica, a identidade qualitativa, a continuidade ininterrupta na mudança e finalmente a permanência no tempo que definem a mesmidade. Direi quase de modo paradoxal que a identidade do caráter expressa certa aderência do “que” ao quem? O caráter é realmente o que do quem (RICOEUR, 2014, p. 122).

1.6 Palavra cumprida

Se, anteriormente, nós observamos, do lado do caráter, a noção de permanência no tempo associada à “disposição adquirida” do hábito e “identificações adquiridas” por alteridades em função da sobreposição do *idem* sobre o *ipse*, no âmbito da palavra cumprida nós temos o caso inverso. A palavra cumprida expressa a manutenção do si numa permanência temporal ao avesso da permanência do tempo do caráter. Aí,

precisamente, ipseidade e mesmidade param de coincidir. Isso significa que a permanência no tempo agora se dá no horizonte da fidelidade a palavra dada. Portanto, com a promessa, há um intervalo, que se abre ao empenho do cumprimento ou não da promessa com a qual o si se compromete. Isto é, há uma dimensão fortemente ipse em contra-mão à mesmidade do idem nesse modo de permanência no tempo da palavra cumprida. Logo, o que podemos dizer é que, do lado do caráter, há uma referência de resposta para a pergunta “eu sou”?. Já no caso da palavra cumprida esta resposta encontra-se aberta na busca de se cumprir a promessa

Esse intervalo é aberto pela polaridade, em termos temporais entre dois modelos de permanência no tempo, a persistência do caráter e a manutenção de si na promessa. Portanto, é na ordem da temporalidade que se deve buscar a mediação. Ora, é esse ambiente que, em minha opinião, vem a ser ocupado pela noção de identidade narrativa(RICOEUR, 2014, p. 124).

1.7 Identidade narrativa

Todos os conceitos abordados até agora neste trabalho, acerca da identidade pessoal de alguém, estão mediados pela noção de “identidade narrativa”. A temática é concebida neste ponto de vista, de forma que, ao se perder as características narrativas, uma história perde também seu seguimento de identificação, sua unidade sintética, bem como seu elo entre um acontecimento e outro. Por conseguinte, a personagem dessa história também perderá sua trajetória de identificação.

Em suma, a tese de Ricoeur acerca da relação entre o problema da identidade pessoal e “identidade narrativa” é que fora das características narrativas de uma história, a identidade se perde, se dissipa, se dispersa e não há como designá-la. Portanto, a ideia que perpassa o conceito de identidade narrativa consiste que para que haja identidade, deve haver narrativa ou do contrário esta permanecerá uma ilusão e carente de respostas que a designem. Toda configuração da identidade neste sentido, será vista como configuração narrativa e por assim dizer: *síntese do heterogêneo*.

O termo identidade narrativa aparece na trajetória da filosofia de Ricoeur em *Tempo e Narrativa tomo III*. Neste livro, o autor suscita os primeiros interesses e conceituações de sua tese referente ao problema da identidade pessoal. Segundo ele, o dilema que paira sobre a questão entre o mesmo e o outro, quando se fala em identidade

pessoal, só ganha resolução, tendo em vista uma narrativa, semelhante à estrutura e composição de um texto narrativo.

O termo identidade é aqui tomado no sentido de uma categoria da prática. Dizer a identidade de um indivíduo ou de uma comunidade é responder a questão: quem fez tal ação? Quem é o seu agente, o seu autor? Essa questão é primeiramente respondida nomeando-se alguém, isto é, designando-o por um nome próprio. Mas qual é o suporte da permanência do nome próprio? Que justificativa que se pode considerar o sujeito da ação, assim designado por seu nome, como o mesmo ao longo de toda uma vida que se estende do nascimento a morte? A resposta só pode ser narrativa. Responder a questão quem é contar a história de uma vida (RICOEUR, 1997, p. 424).

Como pudemos observar nas linhas precedentes, a identidade pessoal em Paul Ricoeur está ligada à permanência no tempo, seja ela vista em relação à mesmidade em seu sentido *idem*, seja ela vista em relação à ipseidade, em seu sentido *ipse*. Ou, estejam elas envolvidas por uma dialética, em que uma se contrapõe e se sobrepõe à outra. Para Ricoeur as dimensões *idem* e *ipse* sempre estão presentes quando se trata de identidade, mesmo que nessa relação possa ser que ora o *idem* seja mais notado, ora *ipse* se sobressaia. Mas de todo modo, ambos estão lá. No entanto, há também uma dimensão de *grau mais elevada da dialética entre a mesmidade e a ipseidade* (RICOEUR, 2014, p.140) implicitamente contida na noção de identidade narrativa. Tendo isso em vista, neste ponto, iremos explorar a noção de identidade narrativa na dialética entre os sentidos de mesmidade e ipseidade já esboçado neste trabalho.

Segundo Ricoeur a *verdadeira natureza da identidade narrativa, só se revela na dialética entre ipseidade e mesmidade* (RICOEUR, 2014, p.140). Antes de tudo, vale ressaltar que o que se entende por identidade narrativa se identifica com a identidade da personagem. Logo, acompanhando estes sentidos nos situaremos seguidamente em compreender como a identidade narrativa se constrói e em que sentido ela se situa na tarefa de constituição do si, por via da dialética entre *idem* e *ipse*, sem a perda de uma permanência no tempo e de uma unidade que se possa dizer da identidade pessoal.

1.7.1 Características narrativas em prol da identidade pessoal

Os termos em questão da constituição da identidade narrativa são apresentados por Ricoeur da seguinte forma: “composição de enredo”, “concordância discordante” e

“configuração narrativa”. Portanto, é pela dinâmica desses elementos que se processa a mediação da identidade narrativa em relação às propriedades *idem* e *ipse* em função de uma história que é contada. Além dos três termos supracitados, a identidade narrativa é levada em consideração, tomando o *estatuto do acontecimento*⁵ como parte fundamental de sua significação. *A diferença essencial que distingue o modelo narrativo de qualquer outro modelo de conexão reside no estatuto do acontecimento* (RICOEUR,2014, p.147). No caso específico do estudo da identidade narrativa, acontecimento possui o estatuto de acontecimento narrativo, isto é, um acontecimento enredado, capaz de ser configurado narrativamente e em concordância com a ampliação da história que se conta; o que também se diz que é fonte de discordância quando surge, por exercer um efeito de necessidade contingente.

A inversão do feito de contingência para o efeito de necessidade ocorre no próprio cerne do acontecimento: enquanto simples ocorrência,este último limita-se a frustrar as expectativas criadas pelo curso anterior do acontecimentos; ele é simplesmente o inesperado, o surpreendente, só se torna parte integrante da história se compreendido *a posteriori*, depois de transfigurado pela necessidade de algum modo retrógrada que procede da totalidade temporal levada a termo. Ora essa necessidade é uma necessidade narrativa cujo efeito de sentido procede da totalidade enquanto tal (RICOEUR,2014, p.148).

Dessa forma, a identidade narrativa abrange uma identidade dinâmica, aberta aos acontecimentos inesperados, ao longo da história, necessários, para o avançar da história e para que a narrativa exerça sua função de conexão de integrar tais acontecimentos na totalidade do que anteriormente tem sido narrado, não permitindo, que os acontecimentos fiquem soltos, se dissipem, se percam na história, ou ponham em dispersão a própria identidade da história que vem sendo narrada. Além do mais para Ricoeur é função da narrativa também selecionar e integrar os acontecimentos mais significativos e pertinentes para que sejam configurados à unidade narrativa da história.

A identidade narrativa em o *Si- mesmo como outro* consiste na identidade da personagem: *identidade, entendida narrativamente, pode ser chamada por convenção,*

O conceito de “acontecimento” em Ricoeur, possuía particularidade de ser inserido num movimento narrativo: “no movimento de uma narrativa que une uma personagem a um enredo, o acontecimento perde a neutralidade impessoal”(RICOEUR, 2014,P.147).

identidade da personagem (RICOEUR, p. 146). Por conseguinte, esta mesma personagem, em contexto de compreensão narrativa é composta por um enredo.

O enredo, por sua vez, em Ricoeur, enquanto uma herança dos estudos Aristotélicos presente na *Poética* é perpassado, por uma relação de concordâncias e discordâncias, que lhe imprimem um paradoxo impulsionador que dá dinâmica aos acontecimentos de uma história, bem como à personagem, participante e atuante nessa história.

Por concordância entendo o princípio de ordem que preside aquilo que Aristóteles chama de “organização dos fatos”. Por discordância entendo os reveses que fazem do enredo uma transformação regrada desde uma situação inicial até uma situação final (RICOEUR, 2014, p.147).

Estas duas características peculiares ao que compõe o enredo estão intimamente ligadas como dissemos com aquilo que Ricoeur chama de “estatuto do *acontecimento*” : *fonte de discordância, quando surge, e fonte de concordância por que faz a história avançar*(RICOEUR, p. 148). Temos aqui, portanto, uma intersecção entre acontecimento e composição de enredo. Entenda-se acontecimento nestes termos, enquanto *acontecimento narrativo, definido por sua relação como a operação de configuração*. Tal configuração também é concebida como uma *configuração narrativa* tomada por Ricoeur pela noção de *síntese do heterogêneo*. Esta heterogeneidade implica em situações, palavras, fatos ações etc. E está ligada ao estatuto do acontecimento sobre o qual em conjunto com o enredo a narrativa vai atuar.

Desse modo, da relação entre narrativa e personagem de uma história, tem-se a seguinte estruturação: um enredo composto de acontecimentos, pautado por uma dinâmica de concordâncias e discordâncias, configurada narrativamente, numa história, que ao ganhar síntese, interliga, isto é, junta a si mesma, os seus personagens, atuantes e participantes. Dessa maneira, Ricoeur nos aponta, por exemplo, que *a identidade da personagem se constrói em ligação com a do enredo* (RICOEUR, p.146).

Sendo assim, identidade e personagem são correlatos a uma história narrada sujeita à dinâmica de encontros e incidentes inesperados, oriundos de acontecimentos imprevisíveis ao longo desta mesma história.

Com efeito é na história narrada com seus caracteres de unidade, articulação interna e completude, conferidos pela operação de

composição do enredo que a personagem conserva ao longo de toda a história uma identidade correlativa a própria história (RICOEUR, p.149).

A proposta que está por trás dessas características é que uma história para ser narrativa, as ações dessa história devem pressupor: estar dentro de um enredo, passar por acontecimentos concordantes e discordantes, bem como por um processo de configuração narrativa.

Assim também, concebe-se a identidade narrativa da identidade pessoal, uma vez que se a *identidade, entendida narrativamente, pode ser chamada por convenção, identidade da personagem* (RICOEUR, p. 146). O que é uma personagem? Se não, *aquela que executa uma ação na narrativa*(RICOEUR, p. 149).

Portanto, numa dimensão narrativa analisada por Ricoeur, ao que tudo indica muito influenciada por Aristóteles⁶, as ações de uma história são compostas por enredo e uma vez que se entende personagem como executante de uma ação narrada existe nesse sentido uma correlação entre personagem e ação.

Sendo assim, o raciocínio da identidade narrativa se organiza do seguinte modo: uma história só possui identidade dentro de uma estrutura narrativa, essa estrutura narrativa para Ricoeur possui seus fundamentos nas noções de acontecimento e enredo, como já dissemos termos de herança aristotélica. Ao articularmos a história narrada com a identidade da personagem, que executa uma ação nessa narrativa, temos que a identidade da personagem é uma identidade narrativa, portanto também relacionada às noções de acontecimento e enredo por isso sua identidade é correlata à identidade da história da qual ela faz parte.

1.7.2 Identidade narrativa em mediação entre mesmidade e ipseidade

Ao trazer esta concepção narrativa de que a identidade da personagem é correlata à identidade enredada da história narrada e que portanto existe uma unidade entre a identidade da história perpassada por um enredo e a identidade da personagem para o campo do agir humano, estando em questão à identidade das pessoas, Ricoeur afirma que a concordância regrada dos fatos e a discordância oriunda do acontecimento típicos da transformação dinâmica de uma história narrada precisam ser observadas a partir da dialética entre mesmidade e ipseidade *é essa dialética da concordância*

⁶ Ver: *Tempo e Narativa Tomo I*. Primeira parte, capítulo 2 (Martins Fontes 2010)

discordante da personagem que agora precisa ser inscrita na dialética entre mesmidade e ipseidade (RICOEUR, 2014, p. 155).

Segundo Ricoeur, a identidade narrativa entendida dessa forma preenche a lacuna paradoxal deixada pelas características opostas entre a mesmidade e ipseidade, onde reside o problema da identidade pessoal, associadas respectivamente às duas formas de permanência no tempo, a saber, o *caráter* guardião do *idem* e a *promessa* guardiã do *ipse*, fazendo-se mediadora da relação dialética entre os termos *idem* e *ipse* a partir de uma história narrada.

Vimos anteriormente, da análise da ipseidade, que o caráter aponta e volta-se para a dimensão *idem*, (quê) enquanto que a promessa aponta para o *ipse* “quem”, isto é para a frente, em busca de algo a se cumprir, uma abertura correspondente para alguma coisa a se realizar a caminho da realização, numa dimensão contingente, mas necessária à dinâmica das ações da personagem em vida e configurada narrativamente. Desse modo, através da narrativa elas se encontram, (*ipse* e *idem*) são vistas como correlatas, dentro uma identidade que é narrada e que se constrói ao longo de seus percalços e percursos sedimentados através do processo da identidade da história em narração. Para Ricoeur é “*a identidade da história que faz a identidade da personagem.*” (RICOEUR, 2014, p. 155) assim, se pode dizer de uma identidade pessoal, em contexto de uma história narrada que: “narrar é dizer quem fez o quê, por que e como”, que ela é uma articulação entre ação e personagem enredado, escrito, descrito e prescrito também pela ação de narrar. Nesta perspectiva:

Contar com alguém é ao mesmo tempo confiar na estabilidade de um caráter e esperar que o outro cumpra a palavra, sejam quais forem as mudanças capazes de afetar as disposições duradouras pelas quais ele é reconhecido (RICOEUR, 2014, p. 155).

Daqui se vê, portanto, que a identidade pessoal em Ricoeur demanda uma narrativa, envolvendo uma correlação entre ação e personagem, por onde se identifica no ato da ação narrada, traços adquiridos ao longo da história (*caráter*) e uma abertura que se manifesta através da palavra cumprida de alguém que se apresenta como quem. E ao fazê-lo o faz frente ao outro que o interroga e dele mesmo o exige responsabilidade, o provoca, o convida a apresentar-se. Nesse sentido, por mediação narrativa, a identidade pessoal tal como Ricoeur a propõe se estabelece concentrada numa unidade de uma história narrada, em que alguém se configura um Si-Mesmo enquanto outro, isto é, em interação com outrem, realizando ações, inserido numa temporalidade histórica,

existente e nessa dinâmica, adquirindo disposições, projetando realizações e fazendo promessas, de onde lhe é atribuído um dever que lhe cabe cumprir. Assim, conclui-se que mesmo dada narrativamente dinâmica a identidade de uma vida pressupõe está concentrada para que dela se possa designar e atribuir um Si-Mesmo.

2. A IDENTIDADE PESSOAL SITUADA COMO UM PROBLEMA A PARTIR DE FERNANDO PESSOA

**Mas eu não sou um só
Não sou só um
Eu também sou milhões de eus
Não sou Deus mas sou Eus...
Eus é Deus dentro de mim**

Maurício Baia

Falando em termos filosóficos, o clássico problema da identidade pessoal, do qual estamos tratando, reside na questão de pensarmos o que significa identificar uma pessoa como sendo a mesma, ao longo do tempo, em múltiplos e distintos momentos de uma vida. Nesse sentido, o cerne da questão aqui é debater problemas que estão envolvidos na temática filosófica em poder designar que uma pessoa é a mesma, ao longo do tempo de uma vida. Com isso, nos deparamos com a inquietação de perguntarmo-nos: qual a ligação que existe entre as mudanças ocorridas na vida de alguém e a continuidade que perpassa tais mudanças, ao passo de nós mesmos e esta pessoa poder significar que é a mesma, poder se reconhecer como tal e ser também reconhecida por outras pessoas como a mesma pessoa, apesar das mudanças pelas quais tenha tido que passar durante sua existência?

Neste ponto de nossa pesquisa, gostaríamos de apresentar um exemplo paradigmático propriamente existente e mundialmente conhecido, o caso do poeta português Fernando Pessoa (1888-1935) que viveu neste mundo em sua maior parte durante a primeira metade do século XX. É, de maneira simples e geral, sabido pela maioria de nós que Fernando Pessoa dedicou praticamente toda a vida a escrever obras literárias, sobretudo, utilizando como instrumento o modelo de criação por heteronímia. Criou personagens, poetas fictícios, heterônimos com biografias, estilos, personalidades, obras próprias e distintas entre si e dele mesmo enquanto ortônimo, isto é, de sua

própria literatura e da personalidade desta enquanto estilo literário e também do que viveu, no sentido biográfico exteriorizado e material em sua vida prática.

Em muitos dos poemas que se atribui à obra pessoana é notória uma forte presença da predominância subjetiva, correspondente às emoções, sentimentos e a experiência de alguém que vive, que sente e que escreve essas emoções, esses sentimentos e essas experiências. No caso dos heterônimos⁷ por exemplo, seus estilos, seus modos de escrever, as influências, as visões de mundo, o percurso das obras, estão ligados com sua trajetória de mundo, dos lugares por onde passaram e residiram, com quem conviveram e do modo como reagiram perante estes contextos.

Cada personalidade dessas — reparai — é perfeitamente uma consigo própria, e, onde há uma obra disposta cronologicamente, como em Caeiro e Álvaro de Campos, a evolução da pessoa moral e intelectual do autor é perfeitamente definida. Vede como isto se dá em Caeiro. Da limpidez primitiva (que nunca, eu, logrei compreender ou sentir) da impressão nativa, a evolução é directa, adentro de «O Guardador de Rebanhos» para a aprofundação filosófica. Depois, com a vinda da doença, a perfeita lucilação imaginativa ou sensível se apaga, e temos, nos poemas fragmentários finais do livro, em certo ponto ainda a continuação do aprofundamento, pela evolução do espírito do poeta, em outros pontos uma turbação da obra, pela doença final, real como as minhas mãos, a que, com mágoa minha que chorei em lágrimas, o grande poeta sucumbiu (PESSOA, 1994. p,242).

No que diz respeito à citação acima, tudo leva a crer que há uma consonância entre a disposição moral e intelectual dos autores heterônimos em relação à personalidade tanto do autor (heterônimo) com sua obra, quanto da obra com seu autor. Todavia, como aparece a subjetividade em cada heterônimo em seus escritos? Uma consigo própria, em que sentido? É uma personalidade uma para consigo mesma? Ou é uma unidade entre autor e obra, no sentido de ambos expressarem fragmentos múltiplos e distintos? Como se manifestam estas personalidades uma nos escritos das figuras correspondentes enquanto heteronímia autor-obra?

E o Fernando Pessoa enquanto pessoa, é alguém indissociável do ortônimo poeta escritor? Quem criou os heterônimos poetas? O ortônimo Fernando Pessoa? Ou o

⁷ A seguir em 2.1 apresentaremos e discutiremos mais detalhadamente quem são os principais heterônimos e semi - heterônimo bem como, o que estes termos significam na obra Pessoaana.

Fernando Antônio Nogueira Pessoa é um escritor cujo ofício, de acordo com seu projeto heterônimo consiste em criar escritores, que são por conseguinte escritores de sua própria obra? O escritor ortônimo e declarado discípulo de um heterônimo, é o Fernando Pessoa que na realidade é ele mesmo nascido em vida? Ou o ortônimo poeta é mais um fruto genial de um processo literário criativo? Essas são algumas indagações que envolvem a figura pessoana e sobre as quais também pretendemos nos debruçar a fim de formatar a temática de nosso problema neste capítulo.

E no sentido de pensar a identidade pessoal enquanto problema filosófico é possível identificar a personalidade pessoana? Quem foi Fernando Pessoa sob uma perspectiva filosófica da identidade pessoal? E especificamente pensando numa perspectiva ricoeuriana, de que forma a identidade pessoal, partindo de Fernando Pessoa se apresentaria?

No intuito já de nos situarmos, em certa medida, na dimensão complexa do problema do enigma pessoano, sem pretender desvendá-lo, tendo em vista o que foi exposto dos escritos, reflexões, considerações de Ricoeur no primeiro capítulo, podemos previamente perceber no famoso poema ortônimo, *Autopsicografia*, o grau complexo de especificidade que esta temática manifesta, quando nos atemos em ler por exemplo:

O poeta é um fingidor
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.

E os que lêem o que escreve,
Na dor lida sentem bem,
Não as duas que ele teve,
Mas só a que eles não têm.

E assim nas calhas de roda
Gira, a entreter a razão,
Esse comboio de corda
Que se chama coração. (PESSOA, 1995, p. 235)

Através das linhas mesmas das expressões que este poema encerra, por notar o abismo ou o labirinto que nele se evidencia, tendo em vista o problema da identidade pessoal em filosofia, paramos para nos perguntar: quem foi Fernando Pessoa ao longo do tempo de sua vida? Qual foi sua identificação de si mesmo perante o perpassar de sua vida e obra? Um poeta fingidor? Como dizer dele mesmo que, entre seus poemas,

suas obras literárias, os heterônimos e sua vida objetiva, ele permaneceu o mesmo, ao longo do tempo numa continuidade pessoal a ponto de se reconhecer e designar-se como alguém, a ponto de ser reconhecido também, como uma identidade pessoal pelas alteridades objetivas que lhes rodearam e, sobretudo por ele mesmo?

Ou melhor, aos moldes da concepção de identidade narrativa proposta por Ricoeur é possível uma configuração narrativa da identidade pessoal? No sentido de que:

Contar com alguém é ao mesmo tempo confiar na estabilidade de um caráter e esperar que o outro cumpra a palavra, sejam quais forem as mudanças capazes de afetar as disposições duradouras pelas quais ele é reconhecido (RICOEUR, 2014, p. 155).

É possível encontrar na figura de Fernando Pessoa uma narrativa no sentido de apresentar uma síntese da história da vida dessa personagem que marcou no século XX, a história da literatura mundial? Seria Fernando Pessoa uma personagem que conserva ao longo de sua história uma identidade correlata à sua própria história? Tendo tais inquietações a vista, será esta a questão que buscaremos contextualizar e que estará em discussão nas linhas que se seguem neste capítulo. Para tais esclarecimentos utilizaremos muitos dos escritos de autoanálise literária e biográfica assinados por Fernando Pessoa, também cartas, bem como escritos de ordem heterônima e semi-heterônima.

2.1 Considerações sobre os termos: heterônimo, ortônimo, semi- heterônimo em relação à identidade pessoal

Acerca destes três termos considerados marcantes, no que diz respeito ao que envolve a criação literária pessoal existem explicações realizadas pelo próprio escritor que apontam suas respectivas significações, dentro do contexto do quadro específico nos quais estas terminações estão inseridas no próprio movimento de desenvolvimento da forma como o autor criava suas obras. Além da clássica *Carta de 1935 a Casais de Monteiro* - a qual iremos nos referir adiante - que trata de alguns pontos sobre a origem dos heterônimos, assim como outros todos e sobre o seu semi-heterônimo, existe outro texto de caráter digamos assim, literário-biográfico, publicado em 1928 numa revista da época chamada *Presença*, cujo título é *Tábua Bibliográfica*, onde estão presentes algumas explicações peculiares, principalmente acerca da heteronímia sob o

ponto de vista da forma literária, tratando exclusivamente deste mesmo fenômeno no caso pessoano. Em conjunto com esses dois registros iremos nos referir também a uma *Nota Biográfica* datada de 1935. Vale ressaltar que todos os três textos foram assinado com o nome Fernando Pessoa e abrangem passagens muito importantes, que consideramos relevantes para serem utilizadas como recurso de esclarecimento destas terminologias, que são indissociáveis do problema debatido neste capítulo e do autor que estamos a estudar.

2.1.1 Heterônimo

Vejam os que nos diz Fernando Pessoa em sua *Tábua Bibliográfica* sobre o que significa escrever e o que significa escrever por heterônimo:

O que Fernando Pessoa escreve pertence a duas categorias de obras, a que poderemos chamar ortónimas e heterónimas. Não se poderá dizer que são anónimas e pseudónimas, porque de veras o não são. A obra pseudónima é do autor em sua pessoa, salvo no nome que assina; a heterónima é do autor fora de sua pessoa, é de uma individualidade completa fabricada por ele, como seriam os dizeres de qualquer personagem de qualquer drama seu. (PESSOA, 1986, p. 250).

Veja-se que, de modo categórico, a heteronímia é uma obra de uma individualidade que não é a do autor em sua pessoa, mas fora dela. Portanto, é uma obra dramática, mas em gente. Neste caso trata-se: de uma “obra-pessoa”, que é dotada de uma obra e de uma “pessoa-obra”, fabricada por um autor, que na verdade, por sua vez não se insere na criação. A heteronímia é um fenômeno literário no qual a criação torna-se criadora, ela é uma obra-gente. É nesse sentido também que uma obra heterônima se distingue, de uma obra anônima e de uma obra pseudônima.

Uma obra pseudônima, como foi dito, é de um autor em sua pessoa, todavia assinado por um falso nome, onde esse autor se esconde atrás de uma falsa assinatura, desse modo, é para esconder o seu verdadeiro nome que o pseudônimo existe. No caso da heteronímia, trata-se de um outro indivíduo/obra distinto do autor que o fabricou. Isto é, um heterônimo é uma obra literária que consiste num movimento de ser uma pessoa que além de ter uma data de nascimento e de morte, uma biografia, um estilo literário, profissão, também escreve sua própria obra. Vida e obra estas que não são as mesmas do autor em vida que as criou.

As obras heterónimas de Fernando Pessoa são feitas por, até agora, três nomes de gente — Alberto Caeiro, Ricardo Reis, Álvaro de Campos. Estas individualidades devem ser consideradas como distintas da do autor delas. Forma cada uma uma espécie de drama; e todas elas juntas formam outro drama.(PESSOA, 1986, p. 250)

Nota-se na citação anterior que a mesma, consta de uma análise do próprio Fernando Pessoa sobre sua criação heterónima, o que já nos permite indagar aqui: o Fernando Pessoa que analisa seu estilo literário é o mesmo Fernando Pessoa que o criou? Faz-se compatível uma identidade narrativa aos moldes de Paul Ricoeur deste caso? Não teríamos aqui alguém falando de si mesmo enquanto autor de um estilo literário como uma ficção?

Por outro lado, Em termos de anonimato, uma obra anônima é uma obra sem ninguém para identificá-la como tendo um autor, seja este um heterônimo (autor-obra), seja este um ortônimo, com a assinatura do próprio autor. Um heterônimo é uma pessoa distinta e não se confunde com a personalidade do autor, nesse caso a princípio, o Fernando Pessoa. Ora, mas qual Fernando Pessoa?

Enquanto personalidade reconhecida de si mesmo frente aos heterônimos e sua maneira de viver socialmente, em um dado momento Fernando Pessoa afirma que não se deve tomar a personalidade das figuras de Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos como sendo a dele mesmo no sentido aparentemente real com que vive social e objetivamente.

Por qualquer motivo temperamental que me não proponho analisar, nem importa que analise, construí dentro de mim várias personagens distintas entre si e de mim, personagens essas a que atribuí poemas vários que não são como eu, nos meus sentimentos e ideias, os escreveria. Assim têm estes poemas de Caeiro, os de Ricardo Reis e os de Álvaro de Campos que ser considerados. Não há que buscar em quaisquer deles ideias ou sentimentos meus, pois muitos deles exprimem ideias que não aceito, sentimentos que nunca tive.[...] Um exemplo: escrevi com sobressalto e repugnância o poema oitavo do *Guardador de Rebanhos* com a sua blasfêmia infantil e o seu anti-espiritualismo absoluto. Na minha pessoa própria, e aparentemente real, com que vivo social e objetivamente, nem uso da blasfêmia, nem sou anti-espiritualista. Alberto Caeiro porém, como eu o concebi, é assim: assim tem pois ele que escrever, quer eu queira quer não, quer eu pense como ele ou não. (PESSOA, 1966. p.106.)

O Fernando Pessoa social e objetivamente, no entanto, “segundo ele mesmo aparentemente real”, a sua pessoa própria, em sentimentos, ideias, não é a mesma ou semelhante dos heterônimos, os quais são personagens-obras que enquanto obras possuem autonomia e escrevem suas próprias poesias e obras distintas das obras do Fernando Pessoa, repito, socialmente e objetivamente, vivendo e se relacionando com o mundo também social e objetivamente vivo. Ao menos é o registro que temos nesta citação. Ou seja, a heteronímia é uma construção literária, de personagens distintos em sentimentos, vida e ideias de um Pessoa considerado objetivo em sua própria pessoa.

No que diz respeito à identidade pessoal, parece que esta referência de si mesmo, social e objetiva, e que é distintos heterônimos, segundo o que foi mostrado, é ao que devemos nos ater, quando se for fazer uma menção do Fernando Pessoa em vida e de sua identidade pessoal. Desse modo, temos aqui o esclarecimento de que a identidade pessoana, segundo as suas próprias palavras em um dado momento não reside na heteronímia.

Ora, mas se a identidade pessoana, de acordo com o que foi citado é distinta da dos heterônimos, estaria ele se referindo a si mesmo e à sua própria pessoa, através da ortonímia? É o Pessoa ortônimo, a mesma pessoa a qual ele se referiu socialmente e objetivamente viva? Vejamos.

2.1.2 Ortônimo

**Eu não sou eu nem sou o outro,
Sou qualquer coisa de intermédio:
Pilar da ponte de tédio
Que vai de mim para o Outro.**

Mário de Sá-Carneiro

O caso da forma de escrita ortônima em Fernando Pessoa, de um modo geral, consiste nos escritos publicados com o nome do próprio autor. Acerca destes escritos, dos que são considerados ortonimamente, temos os registrados em *Tábua Bibliográfica*, de 1928 e outros que foram registrados em um relato escrito também por Fernando Pessoa datado de 1935, cujo título é identificado como *Nota Biográfica*. Citaremos

seguidamente estes dois registros para termos um panorama do que Pessoa considerava como obras ortônimas.

Fernando Pessoa publicou, ortonimamente, quatro folhetos em verso inglês: *Antinous e 35 Sonnets*, juntos, em 1918, e *EnglishPoems I-II e EnglishPoems III*, também juntos em 1922. O primeiro poema do terceiro destes folhetos é a refundição do «Antinous» de 1918. Publicou, além disto, em 1923, um manifesto, *Sobre Um Manifesto de Estudantes*, em apoio de Raúl Leal, e, em 1928, um folheto *Interregno — Defesa e Justificação da Ditadura Militar em Portugal*, que o governo consentiu que se editasse.[...] Quanto a obras ortônimas: o drama *estático O Marinheiro in Orpheu I* (1915); *O Banqueiro Anarquista in Contemporânea I* (1922); os poemas *Mar Português in Contemporânea 4* (1922); uma pequena colecção de poemas in *Athena 3* (1925); e, em o número I do diário de Lisboa *Sol* (1925), a narração exacta e comovida do que é o Conto do Vigário. (PESSOA, 1986, p. 250).

Esses são registros de obras as quais o Fernando Pessoa se refere como sendo de carácter ortônimo, ou seja, obras que dizem respeito ao próprio nome Fernando Pessoa. Além desses registros em *Tábua Bibliográfica*, de 1928, em 1935, (ano exato da morte do escritor) nós temos um outro registro referente às obras que também se ligam a sua escrita ortônima:

Obras que tem publicado: A obra está essencialmente dispersa, por enquanto, por várias revistas e publicações ocasionais. O que, de livros ou folhetos, considera como válido, é o seguinte: «35 Sonnets» (em inglês), 1918; «EnglishPoems III» e «EnglishPoems III» (em inglês também), 1922, e o livro «Mensagem», 1934, premiado pelo Secretariado de Propaganda Nacional, na categoria «Poemas». O folheto «O Interregno», publicado em 1928, e constituindo uma defesa da Ditadura Militar em Portugal, deve ser considerado como não existente. Há que rever tudo isso e talvez que repudiar muito. (PESSOA, 1986. P, 252).

Nota-se, entre um registro e outro, o aparecimento do livro *Mensagem* e o termo de observação referente às obras, do que ele *considera como válido*, nesse sentido também não aparecem os outros títulos de obras registrados anteriormente como o *Banqueiro Anarquista*, por exemplo. Nesse último registro temos o fato também de só ter sido levado em consideração o que se tem publicado, e não outras obras prontas por publicar. Outro detalhe também é o fato de não aparecerem citações ligadas a sua escrita heteronímica, fato que ocorre em *Tábua Bibliográfica*; o que nos intriga, posto que, se o

que está em jogo nos dois registros citados são bibliografias associadas ao ortônimo, o comum seria que no de 1935 tivéssemos uma continuação, atualização, do primeiro. Mas ao contrário do registro das obras ligadas ao ortônimo em 1928 nesta última, de 1935, temos no final a informação de *que há que rever tudo isso e talvez que repudiar muito*.

Ocorre que no registro de 1935 (*Nota Biográfica*), além das obras, temos muitas citações ligadas à profissão, funções sociais, ideologia política, posição religiosa, endereço, data de nascimento, estado civil, filiação. O que parece ser algo muito mais ligado ao Fernando Antônio Nogueira Pessoa em sua situação civil, objetiva, diferente do que se pode observar no primeiro registro, de 1928, onde consta propriamente uma *Tábua Bibliográfica*

Profissão : A designação mais própria será «tradutor», a mais exacta a de «correspondente estrangeiro em casas comerciais». O ser poeta e escritor não constitui profissão mas vocação.[...] *Funções sociais que tem desempenhado*: Se por isso se entende cargos públicos, ou funções de destaque, nenhuma.[...] Considera que o sistema monárquico seria o mais próprio para uma nação organicamente imperial como é Portugal. Considera, ao mesmo tempo, a Monarquia completamente inviável em Portugal. Por isso, a haver um plebiscito entre regimes, votaria, com pena, pela República.[...] *Posição religiosa*: Cristão gnóstico, e portanto inteiramente oposto a todas as Igrejas organizadas, e sobretudo à Igreja de Roma. Fiel, por motivos que mais diante estão implícitos, à Tradição Secreta do Cristianismo, que tem íntimas relações com a Tradição Secreta em Israel (a Santa Kabbalah) e com a essência oculta da Maçonaria. (PESSOA, 1986, p. 252).

Ao que tudo indica, dos dois registros associados a Fernando Pessoa, em relação digamos assim, ao ortônimo, em interação com a questão da identidade pessoal, temos que o texto contido em *Tabua Bibliográfica* de 1928 parece trazer muito mais aspectos do escritor em consonância com sua criação literária e o modo como ele a desenvolveu, do que dados relacionados a sua vida objetiva. Enquanto que a sua *Nota Biográfica* de 1935, diz muito mais respeito a informações de um Pessoa restrito a questões básicas de uma vida, sendo neste momento, a de escritor e poeta, apenas mais uma delas e não esqueçamos: esta de escritor, referida apenas em sua forma ortônima e não à forma heterônima ou as duas formas, como se pôde observar em *Tabua Bibliográfica*.

O que decorre até aqui acerca desses aspectos é o quanto o termo ortônimo possui uma característica delicada no caso pessoano. Isso nos leva a indagar: se, quando

estamos nos referindo ao Fernando Pessoa ortonimamente fazemos isso nos referindo ao escritor como aparece em seu primeiro registro bibliográfico de 1928 ou ao Fernando Pessoa objetivo como em seu segundo registro biográfico de 1935? A ortônimia a qual Pessoa se refere e diz na *Carta a Casais de Monteiroo Fernando Pessoa ele mesmo* se destina apenas ao escritor ou ao Fernando Pessoa objetivo, totalizado em vida? E acerca da identidade Pessoal, está, a identidade do escritor distinta da identidade mesma da pessoa em vida objetiva?

Ora, ainda sobre a ortonímia temos o caso escrito na *Carta a Casais de Monteiro*, em que Fernando Pessoa toma o heterônimo (autor-obra) Alberto Caeiro como mestre, no momento em que este lhe aparece em processo de criação literária:

foi em 8 de Março de 1914 – acerquei-me de uma cómoda alta, e tomando um papel, comecei a escrever, de pé, como escrevo sempre que posso. E escrevi trinta e tantos poemas a fio, numa espécie de êxtase cuja natureza não conseguirei definir. Foi o dia triunfal da minha vida, e nunca poderei ter outro assim. Abri com um título, *O Guardador de Rebanhos*. E o que se seguiu foi o aparecimento de alguém em mim, a quem dei desde logo o nome de Alberto Caeiro. Desculpe-me o absurdo da frase: aparecera em mim o meu mestre. Foi essa a sensação imediata que tive. E tanto assim que, escritos que foram esses trinta e tantos poemas, imediatamente peguei noutra papel e escrevi, a fio, também, os seis poemas que constituem a *Chuva Oblíqua*, de Fernando Pessoa. Imediatamente e totalmente... Foi o regresso de Fernando Pessoa-Alberto Caeiro a Fernando Pessoa ele só. Ou melhor, foi a reacção de Fernando Pessoa contra a sai própria inexistência como Alberto Caeiro. (PESSOA, 1986. p,199)

O que se tem é um Fernando pessoa em vida em exercício de escritor, redigindo uma carta sobre suas obras e a origem da heteronímia, enquanto escritor ortônimo. Onde no exato momento desse trecho em que acabamos de citar, relata o movimento em que primeiro, o escritor (ortônimo) exercera a forma de escrita heterônima e em seguida a forma de escrita ortônima. Além do mais, o que se tem é que, na relação das duas formas de escrita, a ortônima torna-se discípula da heterônima. Ou seja, o heterônimo (autor- obra) Alberto Caeiro ao surgir enquanto tal, surge como mestre do escritor (criador) ortônimo Fernando Pessoa.

A questão aqui é a seguinte: o ortônimo, Fernando Antônio Nogueira Pessoa, social e objetivamente em vida é o mesmo que o ortônimo escritor que se reconhece discípulo do heterônimo Alberto Caeiro? Existem dois ortônimos? Ou existe o escritor

enquanto ortônimo e um outro, o Fernando Antônio Nogueira Pessoa social e objetivo distinto do ortônimo escritor? Que significado a ortonímia repousa no que diz respeito à apresentação da identidade pessoal em Fernando Pessoa? Quem narra a carta é o mesmo que escreve *Nota Biográfica* o mesmo que escreve *Tabua Bibliográfica*? E todos os textos escritos com a assinatura de Fernando Pessoa, se referem à mesma pessoa?

Como vimos anteriormente, há um Fernando Pessoa em sua pessoa própria que é distinta dos heterônimos. E o Pessoa ortônimo? É o mesmo que o Pessoa em sua Pessoa própria? Ou Pessoa escritor é só um ser bibliográfico diferente do que é em vida? Temos aqui um caso clássico de identidade pessoal em filosofia, um caso clássico em que a identidade pessoal torna-se um caso filosófico.

Para configurar mais claramente essa problemática, iremos comparar os momentos iniciais de *Tábua Bibliográfica* e *Nota Biográfica* onde aparece em ambos os textos, informações ortônimas, entretanto com algumas diferenças. Vejamos:

Fernando Pessoa. Nasceu em Lisboa, em 13 de Junho de 1888. Foi educado no Liceu (HIGH SCHOOL) de Durban, Natal, África do Sul, e na Universidade (inglesa) do Cabo de Boa Esperança. Nesta ganhou o prémio Rainha Victória de estilo inglês; foi em 1903 — o primeiro ano em que esse prémio se concedeu. (PESSOA, 1986. p, 252).

Nesse trecho aparece o registro do nascimento e alguns dados da vida de Fernando Pessoa, trata-se das palavras com que são abertas as análises feitas em *Tábua Bibliográfica* que diz respeito à forma de escrita ortônima e heterônima do escritor. Agora vejamos o que temos na abertura de *Nota Biográfica*:

Nome completo: Fernando António Nogueira Pessoa. *Idade e naturalidade:* Nasceu em Lisboa, freguesia dos Mártires, no prédio n.º 4 do Largo de S. Carlos (hoje do Directório) em 13 de Junho de 1888. *Filiação:* Filho legítimo de Joaquim de Seabra Pessoa e de D. Maria Madalena Pinheiro Nogueira. Neto paterno do general Joaquim António de Araújo Pessoa, combatente das campanhas liberais, e de D. Dionísia Seabra; neto materno do conselheiro Luís António Nogueira, jurisconsulto e que foi director-geral do Ministério do Reino, e de D. Madalena Xavier Pinheiro. Ascendência geral — misto de fidalgos e de judeus. (PESSOA, 1986. p, 251).

Observando estas duas passagens, associadas à informação anterior de que existe um Pessoa social e objetivamente vivo, e também unida a esta, o fato de que o primeiro

documento de 1928 contém informações referidas a um escritor dotado de duas formas de escrita, ao passo que o segundo documento de 1935, ao falar das obras do poeta e escritor se faz referência apenas às obras ortônimas, tendo em vista, que em *Nota Biográfica* ao fazer uma narrativa de si, do seu nome e de seu nascimento, se tem informações mais objetivas, se comparadas ao início de *Tábua Bibliográfica* onde aparecem apenas informações mais gerais, percebemos que o termo ortônimo não tem uma referência e explicação tão simples, principalmente quando se tem que levar em consideração a identidade pessoal, já que o mesmo termo quando comparado ao termo heterônimo significa o Fernando Pessoa ele mesmo.

Como vimos, existe um Pessoa escritor em *Tábua Bibliográfica*, que escreve de forma ortônima e de forma heterônima, diferente do aspecto do escritor de *Nota Biográfica* em que apenas aparece referência às obras ortônimas. Temos ainda, na *carta a Casais de Monteiro* a declaração de Fernando Pessoa ser discípulo de um dos heterônimos, além da informação da análise que ele faz de si mesmo em comparação com os heterônimos, no que diz respeito a um Pessoa social e objetivo, que é, em certo sentido, compatível com o Fernando Antônio Nogueira Pessoa de *Nota Biográfica*.

Seguindo os dados e raciocínios apresentados há ainda a distinção dos escritores. O escritor referido em *Nota Biográfica* não parece ser o mesmo escritor analisado em *Tábua Bibliográfica* que além de ortônimo tem um jeito heterônimo de escrever o que não é o caso em *Nota Biográfica*.

Afinal de contas, que sentido tem a ortonímia em relação a Fernando Pessoa e a identidade pessoal?

Após tudo que acabamos de expor, o que estamos querendo pontuar é que dos textos citados e dos argumentos pressupostos, o que está implicado é: quando Fernando Pessoa (quem é este que escreve?) escreve em sua *Nota Biográfica*, no registro de 1935, que entre ter um estado civil, ter uma profissão, ter uma ideologia política, ter uma posição religiosa, ter uma filiação e também por vocação ser poeta e escritor; ele assim o faz de Fernando Antônio Nogueira Pessoa para poeta e escritor, no sentido de ortonímia. Quando Fernando Pessoa escreve (quem é este que escreve?) sobre um poeta e escritor que ao escrever e desenvolver obras literárias possui duas formas de escrita ortônima e heterônima como nos mostra o registro de *Tábua Bibliográfica* de 1928, assim se faz também no sentido de ortonímia. Sendo assim, a respeito da identidade pessoal fica a pergunta: quem escreve em 1928 é o mesmo que escreve em 1935? E sobre, “o quem”, que se tem escrito nos dois registros, são também o mesmo e o mesmo

também associado a quem escreve? Há uma identidade pessoal nestes diversos momentos? Como esta questão dialoga com Ricoeur? Pois bem, este é o ponto que estamos propondo formatar e sobre o que pretendemos dissertar em breve no terceiro capítulo e nas nossas considerações finais.

Por ora, cumpre-nos afirmar que estamos diante de um exemplo mundialmente conhecido do que em filosofia é tomado como a questão da identidade pessoal, ou seja: como identificar que alguém permanece o mesmo em momentos distintos ao longo de uma vida? Tendo isto no horizonte, consideramos que tomando o caso de Fernando Pessoa como paradigma, esta questão se depara com contrapontos muitíssimo importantes para a configuração do problema, em termos de ampliação e desenvolvimento da questão, sobretudo no que diz respeito à proposta de uma identidade em mediação com uma narrativa, assim como nos propõe Paul Ricoeur.

Até aqui notamos que o termo ortônimo no caso pessoano se dá de várias formas e em momentos diversos e precisamos ficar atentos ao nos debruçarmos a estudar este fenômeno literário buscando articulá-lo com a questão da identidade pessoal, para não cairmos em reducionismos terminológicos e conceituais e nos perdermos do foco do nosso problema. Todavia, estamos buscando pontuar bem através do fascinante caso pessoano o problema da identidade pessoal em filosofia.

Por fim, para finalizarmos este tópico ortônimo, tomemos uma última informação curiosa. Os heterônimos Ricardo Reis, Álvaro de Campos, e o Fernando Pessoa “ortônimo” são considerados discípulos do heterônimo Alberto Caeiro. Pois bem, há um relato em que o Álvaro de Campos fala da visão que ele tem de Pessoa, comparando a ele mesmo em relação ao poeta ortônimo:

Eu sou exasperadamente sensível e exasperadamente inteligente. Nisto pareço-me (salvo um bocado mais de sensibilidade, e um bocado menos de inteligência) com o Fernando Pessoa; mas, ao passo que no Fernando a sensibilidade e a inteligência entrepenetram-se, confundem-se, interseccionam-se, em mim existem paralelamente, ou, melhor, sobrepostamente. (PESSOA, 1990, p. 372)

E essa não é a única vez que o heterônimo se refere ao ortônimo em nível de análise e intimidade com a personalidade de Fernando Pessoa, há também uma carta escrita por Álvaro de Campos para a Ofélia de Queiroz que segundo nos consta foi namorada real de Fernando Pessoa.

Exma. Senhora D. Ophélia Queiroz: Um abjecto e miserável indivíduo chamado Fernando Pessoa, meu particular e querido amigo, encarregou-me de comunicar a V. Ex.^a — considerando que o estado mental dele o impede de comunicar qualquer coisa, mesmo a uma ervilha seca (exemplo da obediência e da disciplina) — que V. Ex.^a está proibida de:

- (1) pesar menos grammas,
- (2) comer pouco,
- (3) não dormir nada,
- (4) ter febre,
- (5) pensar no indivíduo em questão.

Pela minha parte, e como íntimo e sincero amigo que sou do meliante de cuja comunicação (com sacrifício) me encarrego, aconselho V. Ex.^a a pegar na imagem mental, que acaso tenha formado do indivíduo cuja citação está estragando este papel razoavelmente branco, e deitar essa imagem mental na pia, por ser materialmente impossível dar esse justo Destino à entidade fingidamente humana a quem ele competiria, se houvesse justiça no mundo. Cumprimenta V. Ex.^a Álvaro de Camposeng. Naval 25/9/1929. (PESSOA, 1994, p. 41)

Neste momento sem mais delongas e sem palavras, posteriormente a esta citação magnífica, cabe-nos agora dizer ao que tudo indica: que o ortônimo Fernando Pessoa é também uma ficção? Seja ele socialmente e objetivo considerado biograficamente, seja ele enquanto poeta e escritor? Ora mas se assim o for e assim se referir à designação de Pessoa enquanto ele mesmo em seus escritos, a quem atribuir sua identidade? A uma ficção? Mas a qual delas?

2.1.3 Semi- heterônimo

O fenômeno do semi- heterônimo é algo singular em conjunto com as inquietações apresentadas referentes aortonímia e sobretudo no que diz respeito a identidade pessoal em Pessoa. Vimos que a heteronímia é uma forma de escrita que consiste no autor fora de sua pessoa, no sentido de que o heterônimo é um autor-obra que, por conseguinte, também é dotado de uma vida e de uma obra propriamente sua e diferente da do autor empírico que os criou. Já a ortonímia, ao que tudo indica, consiste no autor em sua Pessoa, no entanto, como acabamos de ver se tratando de Fernando Pessoa e da questão da identidade pessoal, fica em aberto para nossas considerações finais a questão de discutirmos se o ortônimo autor-escritor é o mesmo que o ortônimo social, civil objetivo, que entre tantas coisas também é poeta e escritor.

E o significado do semi-heteronímismo em Fernando Pessoa? E a reflexão desse fenômeno no problema da identidade Pessoal? Vejamos como se apresenta.

Fernando Pessoa considera como sendosemi-heterônimo o indivíduo, Personagem, Bernardo Soares, autor de um livro inacabado, em prosa, composto de fragmentos, com informações biográficas, visão de mundo e diversos estados sentimentais do que dizem respeito ao próprio autor Bernardo Soares ou como diz, ao seu semi-heterônimo. No prefácio do livro, o Fernando Pessoa ortomamente narra o momento do encontro dos dois:

Um dia qualquer, que nos aproximara talvez a circunstância absurda de coincidir virmos ambos jantar às nove e meia, entrámos em uma conversa casual. A certa altura ele perguntou-me se eu escrevia. Respondi que sim. Falei-lhe da revista Orpheu, que havia pouco aparecera. Ele elogiou-a, elogiou-a bastante, e eu então pasmei deveras. Permiti-me observar-lhe que estranhava, porque a arte dos que escrevem em Orpheu soe ser para poucos. Ele disse-me que talvez fosse dos poucos. De resto, acrescentou, essa arte não lhe trouxera propriamente novidade: e timidamente observou que, não tendo para onde ir nem que fazer, nem amigos que visitasse, nem interesse em ler livros, só ia gastar as suas noites, no seu quarto alugado, escrevendo também. (PESSOA, 1982.p, 11).

Temos desta passagem o encontro de Fernando Pessoa com a figura que seria aquela que mais se aproxima de sua personalidade? O que representa Bernardo Soares na vida e na obra pessoana?

O meu semi-heterónimo Bernardo Soares, que aliás em muitas coisas se parece com Álvaro de Campos, aparece sempre que estou cansado ou sonolento, de sorte que tenha um pouco suspensas as qualidades de raciocínio e de inibição; aquela prosa é um constante devaneio. É um semi-heterónimo porque, não sendo a personalidade a minha, é, não diferente da minha, mas uma simples mutilação dela. Sou eu menos o raciocínio e a afectividade. A prosa, salvo o que o raciocínio dá de ténue à minha, é igual a esta, e o português perfeitamente igual;(PESSOA 1989. p,199).

O semi-heterônimo Bernardo Soares e sua prosa do desassossego é a personalidade pessoana em simples mutilação, isso significa que o que temos no livro do Desassossego é a expressão de um Pessoa - como o diz -sob o efeito do sono e do cansaço, em devaneio sem raciocínio e inibição, aliás, ele mesmo sem “raciocínio e afetividade”. É a personalidade do ortônimo em fragmentos, ou seja, não é o autor fora de sua pessoa, mas o autor mutilado, solto em expressões soltas. Isso significa que

comparado aos heterônimos, o ajudante de Guarda-livros na cidade de Lisboa, Bernardo Soares, é o ortônimo menos o raciocínio e afetividade e não um indivíduo completamente distinto do seu autor. Assim, muitos dos sentimentos, perturbações e reações frente ao mundo, que Bernardos Soares passou, a expressão do seu desassossego no livro é em grande parte o Fernando Pessoa, ou melhor, é o Pessoa sem raciocínio e afetividade com a personalidade mutilada.

Criei-me eco e abismo, pensando. Multipliquei-me aprofundando-me. O mais pequeno episódio — uma alteração saindo da luz, a queda enrolada de uma folha seca, a pétala que se despega amarelecida, a voz do outro lado do muro ou os passos de quem a diz junta aos de quem a deve escutar, o portão entreaberto da quinta velha, o pátio abrindo com um arco das casas aglomeradas ao luar — todas estas coisas, que me não pertencem, prendem-me a meditação sensível com laços de ressonância e de saudade. Em cada uma dessas sensações sou outro, renovo-me dolorosamente em cada impressão indefinida. Vivo de impressões que me não pertencem, perdulário de renúncias, outro no modo como sou eu. (PESSOA, 1982. p.33)

Mas Quem é esse “outro no modo como sou eu”? Essa personalidade mutilada do Pessoa ortônimo? É meramente bibliográfica, visto que Bernardo Soares é um autor-personagem literário? Ou é real e objetiva? Se recordarmos *Nota Biográfica*, o Fernando Pessoa que se expressa através de Bernardo Soares na citação que acabamos de ver parece ser incompatível com as descrições objetivas de *Nota Biográfica*. Teríamos aqui um outro Fernando Pessoa distinto do escritor que escreve ortonimamente e heteronimamente de *Tábua Bibliográfica* e também distinto de um Pessoa social e objetivo? Sendo este um não ortônimo, um não heterônimo, uma não personalidade, mas um semi-outro, o que ele representa da identidade pessoana se é que há identidade pessoana? Não nos resta saída a não ser ficar com a expressão da carta: “não sendo a personalidade a minha, é, não diferente da minha, mas uma simples mutilação dela”.

Dito isto, resta saber como estes fenômenos: ortônimo, heterônimo, semi-heterônimo, presentes na obra pessoana se articulam com a vida do poeta, ao que parece também ficcional, dialogando com a questão da identidade pessoal, sobretudo a identidade narrativa à luz da teoria de Paul Ricoeur.

Sugerimos, antes de seguir para as etapas finais de nosso trabalho, realizarmos uma discussão de como a subjetividade se manifesta em alguns dos escritos pessoanos seja esta manifestação através da heteronímia ou semi-heteronímia. Vejamos

adiantepassagens e poemas escritos em que consta a presença do eu nas obras herônimas e semi-heterônimas de Fernando Pessoa, a fim de familiarizarmos e configurarmos com mais proximidade o modo como essa subjetividade fascinante se expressa através de sua literatura outrada.

2.2 A expressão da subjetividade em alguns dos escritos pessoanos

Na maioria das vezes em que aparece a subjetividade na literatura dos escritos de Fernando Pessoa que serão citados neste tópico, ele o faz como sabemos, por heterônimo, ortônimo e semi-heterônimo e ao fazê-lo, também na maioria das vezes, confessa não saber identificar o alguém ou o eu a quem se pertence uma identidade.

No que diz respeito ao Livro *do Desassossego* de acordo com a carta de 4 de setembro de 1914 a Armando Corêes-Rodrigues, onde se tem escrito o registro de que Pessoa está trabalhando em quebrados e desconexos pedaços do *Livro do Desassossego*, este livro nunca esteve pronto. E da época da carta, até a data de sua morte possivelmente o poeta escreveu fragmentos que lhe seriam destinados. Com o poeta em vida, o livro nunca foi publicado, sua primeira publicação só ocorreu postumamente em 1982, edição organizada por Jacinto Prado Coelho em Portugal. No Brasil, sua primeira edição foi organizada por Leyla Perrony em 1986. As citações que fazemos do livro neste trabalho constam das que estão disponíveis no arquivo Pessoa (<http://arquivopessoa.net/>) datadas da primeira edição, lá se encontra atualmente disponível praticamente toda obra do poeta que se tem notícia até o presente momento, inclusive, cartas e textos de autoanálise, dos quais também estamos fazendo uso neste trabalho.

Sobre a figura de Bernardos Soares e o *Livro do Desassossego*, temos que coube ao próprio ortônimo fazer-lhe o prefácio, de modo como se lhe fosse entregue o livro em mãos do encontro que tem com Bernardos Soares, assim, Pessoa toma a pena em suas mãos e escreve:

Era um homem que aparentava trinta anos, magro, mais alto que baixo, curvado exageradamente quando sentado, mas menos quando de pé, vestido comum certo desleixo não inteiramente desleixado. Na face pálida e sem interesse de feições um ar de sofrimento não acrescentava interesse, e era difícil definir que espécie de sofrimento esse ar indicava - parecia indicar vários, privações, angústias, e aquele sofrimento que nasce da indiferença que provém de ter sofrido

muito.[...] Passei a vê-lo melhor. Verifiquei que um certo ar de inteligência animava decerto modo incerto as suas feições. Mas o abatimento, a estagnação da angústia fria, cobria tão regularmente o seu aspecto que era difícil descortinar outro traço além desse.[...] Nada o obrigara nunca a fazer nada. Em criança passara isoladamente. Aconteceu que nunca passou por nenhum agrupamento. Nunca frequentara um curso. Não pertencera nunca a uma multidão.[...] Nada o aproximou nunca nem de amigos nem de amantes. Fui o único que, de alguma maneira, estive na intimidade dele.[...] fiquei, do mesmo modo amigo dele e dedicado ao fim para que ele me aproximou de si - a publicação deste seu livro. (PESSOA, 1982. p, 11)

Esta seria a imagem traçada por Fernando Pessoa do ajudante de guarda livros Bernardo Soares, que como vimos o amigo mais próximo que teve fora o poeta português. Cujos interesses principais ao que indica a citação, seria o de reservar ao mesmo poeta da revista *Orfeu* a publicação deste livro, que de acordo com a visão e avaliação feita por Pessoa, a qual também consta no prefácio, consiste de um livro escrito por alguém que “vendo tudo através do único critério digno de um psicólogo” se viu assim ele do mesmo modo, próximo do semi-heterônimo, sendo este também exatamente o motivo pelo qual estreitaram os laços, além do fato (escreve Pessoa no Prefácio): “de ter vivido sempre com uma falsa personalidade sua, e de suspeitar que nunca ele me teve realmente por amigo”. (PESSOA, 1982. p, 11)

Ao expressar o desassossego, angustiante e desesperador da ausência da referência de si mesmo, em muitos poemas e em muitos fragmentos, como vimos no tópico heterônimo e semi-heterônimo, Pessoa preserva ausente seu próprio nome. Por exemplo, no *Livro do Desassossego*, na voz de Bernardo Soares escreve:

Assim sou, fútil e sensível, capaz de impulsos violentos e absorventes, maus e bons, nobres e vis, mas nunca de um sentimento que subsista, nunca de uma emoção que continue, e entre para a substância da alma. Tudo em mim é a tendência para ser a seguir outra coisa; uma impaciência da alma consigo mesma, como com uma criança inoportuna; um desassossego sempre crescente e sempre igual.[...] Sou dois, e ambos têm a distância - irmãos siameses que não estão pegados (PESSOA, 1982. p, 310).

Nas expressões supracitadas de Bernardo Soares o eu de quem se fala confessa o desassossego de por excelência ser consumido por contradições sinceramente vividas e sentimentos extremos entre si, que apesar de profundamente perturbadores e influentes

sobre ele mesmo não subsistem, se partem, se dissipam e não preservam continuidade alguma.

A confissão confusa do desassossego de autossignificar-se persiste ainda, no reconhecimento também confuso de ser incapaz de numa narrativa de quem se encontra no quem de quem é, dizer algo com conteúdo significativo de si mesmo. Descrita dois trechos depois no mesmo livro:

Invejo- mas não sei se invejo - aqueles de quem se pode escrever uma biografia, ou que podem escrever a própria. Nestas impressões sem nexos, nem desejo de nexos, narro indiferentemente a minha autobiografia sem factos, a minha história sem vida. São as minhas Confissões, e, se nelas nada digo, é que nada tenho que dizer.(PESSOA, 1982. p, 12)

Aqui, consta-se e se manifesta desafiador falar do tema e da relevância da identidade pessoal do ponto de vista dos textos pessoais. Trata-se de um universo tão dinâmico, complexo, contraditório, que até quando se propõe descrever sobre o tema de si mesmo, em certa medida, uma vez que ele mesmo se esconde e o próprio personagem de que se utiliza para se expressar, o seu semi- heterônimo, revela-se em contradição ao ousar descrever-se.

Eis um ponto importante também a ser elencado neste contexto de discussão, da identidade, o caso de Bernardo Soares ser concebido como um semi-heterônimo. Em outras palavras e confusas palavras, Bernardo Soares não representa a sua personalidade, mas não diferente da personalidade de Fernando Pessoa, ortônimo, é ele em muitos aspectos, ou como ele mesmo exprime, a mutilação de sua personalidade e como vimos acima são impressões fragmentadas sem nexos, trata-se de uma biografia sem fato.

Além de Bernardo Soares, semi-heterônimo, existe também no contexto da obra pessoal um famoso heterônimo cuja classificação que lhe é dada em carta a Casais de Monteiro pelo próprio Fernando é: *o mais histericamente histérico de mim*. Neste caso estamos falando do engenheiro naval Álvaro de Campos.

Álvaro de Campos nasceu em Tavira, no dia 15 de Outubro de 1890 (às 1.30 da tarde, diz-me o Ferreira Gomes; e é verdade, pois, feito o horóscopo para essa hora, está certo). Este, como sabe, é engenheiro naval (por Glasgow), mas agora está aqui em Lisboa em inactividade.

[...] Álvaro de Campos é alto (1,75 m de altura, mais 2 cm do que eu), magro e um pouco tendente a curvar-se.[...] Campos entre branco e moreno, tipo vagamente de judeu português, cabelo, porém, liso e normalmente apartado ao lado, monóculo.[...] Álvaro de Campos teve uma educação vulgar de liceu; depois foi mandado para a Escócia estudar engenharia, primeiro mecânica e depois naval. Numas férias fez a viagem ao Oriente de onde resultou o *Opiário*. Ensinou-lhe latim um tio beirão que era padre. (PESSOA, 1982. P, 109).

Por este heterónimo podemos também perceber a incapacidade de dizer ou sintetizar em um fio condutor a identificação de si, quando o poeta heterónimo se encontra debruçado sobre a tematização da subjetividade. Percebe-se indícios de uma incapacidade de saber dizer algo de si mesmo também em Álvaro de Campos, em dois momentos: primeiro em um dos trechos seminais do Poema “Tabacaria” quando temos inscrito: “dais para o mistério de uma rua cruzada constantemente por gente inacessível a todos os pensamentos real impossivelmente real certa desconhecidamente certa,” ou ainda no mesmo tom e no mesmo poema: “Que sei eu do que serei, eu que não sei o que sou? Ser o que penso? Mas penso ser tanta coisa!”. Num outro momento, num poema intitulado “Apontamento” ainda sob a autoria de Álvaro de Campos a alma é descrita como vazia e o “eu” deste vazio que é alma aparece jogado e em meio aos pedaços, brilhando entre os fragmentos dos cacos como algo a se identificar, mas ao mesmo tempo criteriosamente indefinível, acompanhado por três interrogações “A minha obra? A minha alma principal? A minha vida?” uma só afirmação indeterminada “Um caco”.

A minha alma partiu-se como um vaso vazio.
Caiu pela escada excessivamente abaixo.
Caiu das mãos da criada descuidada.
Caiu, fez-se em mais pedaços do que havia loiça no vaso.
Asneira? Impossível? Sei lá!
Tenho mais sensações do que tinha quando me sentia eu.
Sou um espalhamento de cacos sobre um capacho por sacudir.
Fiz barulho na queda como um vaso que se partia.
Os deuses que há debruçam-se do parapeito da escada.
E fitam os cacos que a criada deles fez de mim.
Não se zanguem com ela.
São tolerantes com ela.
O que era eu um vaso vazio?
Olham os cacos absurdamente conscientes,
Mas conscientes de si mesmos, não conscientes deles.
Olham e sorriem.
Sorriem tolerantes à criada involuntária.
Alastra a grande escadaria atapetada de estrelas.

Um caco brilha, virado do exterior lustroso, entre os astros.
A minha obra? A minha alma principal? A minha vida?
Um caco.
E os deuses olham-no especialmente, pois não sabem por que ficou ali
(PESSOA, 1944. p, 281).

Vemos então em dois momentos da obra de Fernando Pessoa o quanto a auto significação dele mesmo ou de seus personagens é dúbia, incompleta, dissonante e descontínua, não havendo síntese ou um elo que ligue a tematização da subjetividade numa personalidade a qual o próprio autor nele possa reconhecer e dizer: eis quem eu sou e a história por onde tenho me identificado e por onde venho me identificando. Ao contrário, quando o faz declara-se em pedaços incapaz de saber reconhecer e designar-se quem é, e anuncia-se dual, separado, fragmentado, sem nexos. Confessa não ter nada a dizer e revelar a sensação de ter se perdido, isto é, não se sente mais ligado a um eu. Sejam estas declarações correspondentes aos seus personagens ou ao próprio Fernando Pessoa.

Sabe-se que além do semi- heterônimo ajudante de guarda livros na cidade de Lisboa, Bernardo Soares, e do heterônimo Engenheiro Naval, Álvaro de Campos, existe também o heterônimo Ricardo Reis, cuja natalidade é a cidade do Porto, formado em medicina e que desde 1919 veio residir no Brasil.

Ricardo Reis nasceu em 1887 (não me lembro do dia e mês, mas tenho-os algures), no Porto, é médico e está presentemente no Brasil.[...] Caeiro era de estatura média, e, embora realmente frágil (morreu tuberculoso), não parecia tão frágil como era. Ricardo Reis é um pouco, mas muito pouco, mais baixo, mais forte, mas seco. Cara rapada todos[...] Reis de um vago moreno mate; [...]Ricardo Reis, educado num colégio de jesuítas, é, como disse, médico; vive no Brasil desde 1919, pois se expatriou espontaneamente por ser monárquico(PESSOA, 1982. P, 109).

Em um poema que data de 1935, mais especificamente de 13 de Novembro, 17 dias antes da morte do ortônimo, nos é manifestado por Reis, de modo impressionante, o quanto a subjetividade tende a escapar a uma unidade e uma referência por meio da qual o eu possa se configurar. Ao contrário de um eu identificado o que podemos ver é a constatação de muitos “eus” e uma subjetividade tão fluida, múltipla e polissêmica que chega a se confundir com o próprio poema, cuja confrontação com a primeira frase já

nos indica os inúmeros “eus” que habitam o lugar, “onde se sente ou se pensa” e onde no final deste mesmo poema, tem-se dito, sobre a designação de si mesmo “A quem me sei: eu escrevo”.

Vivem em nós inúmeros;
Se penso ou sinto, ignoro
Quem é que pensa ou sente.
Sou somente o lugar
Onde se sente ou pensa.

Tenho mais almas que uma.
Há mais eus do que eu mesmo.
Existo todavia
Indiferente a todos.
Faço-os calar: eu falo.

Os impulsos cruzados
Do que sinto ou não sinto
Disputam em quem sou.
Ignoro-os. Nada ditam
A quem me sei: eu escrevo (REIS, 1935).

Na carta a *Casais de Monteiro* escreveu que Ricardo Reis aparece “depois de uma deliberação abstrata, que subitamente se concretiza numa ode”. Observamos que em Reis, assim como nos personagens poetas supracitados o reconhecimento e a designação acerca de alguém que se é aparece carregado de características que indicam uma atomização subjetiva, que se confunde com a escrita dúbia e imersa em dissonância da própria ode. Ao que parece, a subjetividade nestas três figuras: Soares, Campos e Reis, encontra-se aquém de alguém que se encontra consigo mesmo e que se identifica como se fosse alguém numa história, analogamente a um personagem composto por um enredo narrativo que apesar das dinâmicas dos desencontros é capaz de amarrar a subjetividade enquanto unidade-personagem na unidade de uma história. A percepção que se tem é de um movimento não concentrado de uma subjetividade desencontrada e dispersa, nesse desencontro, que se expressa através da escrita como se soubesse que lhe é inacessível a possibilidade de ser alguém. E que mesmo capaz de escrever acerca desta dispersão, de sobra, sequer uma obra lhe será atribuída. A respeito disso, Ricardo Reis também é taxativo e visceral quando escreve:

Sim, sei bem

Que nunca serei alguém.

Sei de sobra
Que nunca terei uma obra.
Sei, enfim,
Que nunca saberei de mim.
Sim, mas agora,
Enquanto dura esta hora,
Este luar, estes ramos,
Esta paz em que estamos,
Deixem-me crer
O que nunca poderei ser. (REIS,1931).

Ou seja, há uma convicção que se expressa nestas palavras de um eu que em realidade se vê incapaz de algum dia alcançar a si mesmo (nunca serei alguém), incapaz de realizar um feito que lhe diz respeito (nunca terei uma obra) incapaz de compreender a si mesmo (nunca saberei de mim), mas que, no momento em que escreve, pede por crer no que nunca poderá ser (alguém).

De acordo com o movimento das expressões, tudo leva a crer que se trata de um ninguém, ou pelo menos de uma subjetividade que assim se vê e que assim se tem se concebido e, que, por um lapso da hora em questão, do agora em que a ode foi escrita, pede permissão às figuras fictícias com quem dialoga, para acreditar no impossível: “sim sei bem que nunca serei alguém”. Nota-se assim, mais um processo característico de uma subjetividade, vagando, perdida em si mesma, um si que exclui qualquer referência exterior, ou pelo menos que se vê distante disso e cada vez mais próximo da convicção não configurada de si mesmo em despersonalização pessoal. Em outras palavras, a indicação que se tem é uma observação de como ser alguém é algo impossível e certamente irrealizável, a ponto de soar como espantoso, o fato de crer em poder ser o que nunca poderá ser.

Já em Alberto Caeiro como se vê, na *Carta a Casais de Monteiro*, o que temos é o heterônimo, mestre dos heterônimos e também do ortônimo, Fernando Pessoa.

Alberto Caeiro nasceu em 1889 e morreu em 1915; nasceu em Lisboa, mas viveu quase toda a sua vida no campo. Não teve profissão nem educação quase alguma.[...] Caeiro era de estatura média, e, embora realmente frágil (morreu tuberculoso), não parecia tão frágil como era. Cara rapada todos — o Caeiro louro sem cor, olhos azuis;[...] Caeiro, como disse, não teve mais educação que quase nenhuma — só instrução primária; morreram-lhe cedo o pai e a mãe, e deixou-se ficar em casa, vivendo de uns pequenos rendimentos. Vivia com uma tia velha, tia-avó. (PESSOA,1982, 109)

Como vimos anteriormente, a partir dos escritos abordados, existe através da literatura que Pessoa expressa por suas figuras personagens, uma subjetividade fragmentada, dispersa, múltipla, em certo sentido perdida, como se estivesse em um labirinto de muitos e infinitos eus, ou no fim das contas uma expressão sem referência de alguém determinadamente designado, um sujeito ninguém. No entanto, uma subjetividade sempre interiorizada nos poemas e ligada às perturbações que assim se expressa em despersonalização. E a subjetividade no mestre Caeiro como se apresenta:

Eu nunca guardei rebanhos
Mas é como se os guardasse.
Minha alma é como um pastor,
Conhece o vento e sol
E anda pela mão das Estações
A seguir e a olhar.
(PESSOA, 1993. p, 21)

A subjetividade em Caeiro se dispersa em grau extremado - talvez seja este o fato de ser considerado mestre - se mistura com a natureza, continua dispersa como nos outros heterônimos, mas não em perturbações e angústias. Ela anda pela mão das estações, como um pastor a seguir e a olhar, nesse sentido não há representação interior, ela não se sente dispersa em introspecção, em dicotomia com o mundo. Neste heterônimo a subjetividade vai e passa em variações de acordo com o mundo em naturalidade e sensações. Segundo a tese de doutorado do professor Jefferson Eduardo Pereira Bessa de 2015, sobre Caeiro, temos uma alma que vai junto com o vento e o movimento das estações e que, portanto, segue o caminho das sensações, uma vez que está em suas mãos, ou seja, em Caeiro a alma se dispersa de vez, como se estivesse indissociável da sensação e da natureza.

Assim o poeta também escreve. Não com a mão que determina. A sua alma-pastor “Conhece o vento e o sol / E anda pela mão das Estações / A seguir e a olhar”. A sua mão é a das Estações, ou seja, não se assegura de determinar o que sente ou o que vê. O sentir-se pastor é andar. Este sentir não o fixa a uma figura de pastor, pois este já está a caminho. Como se poderia determinar o que sempre anda não por *sua* mão, mas pela mão das “Estações”? Quem caminha conhece o vento e o sol. Não tem um caminho traçado pelo pensamento intelectual, mas caminhos que se seguem traçados por sensação. Traço de pastor segue a direção do vento. Se o vento leva ao sul, vai para o sul. Conhecer o

vento é caminhar na direção que o leva, o que não fixa uma direção. Ora para o sul, ora para o norte. A sua mão não o assegura de nada, pois ela caminha ao vento. (BESSA, 2015, p. 114)

Nos poemas de “O Guardador de Rebanhos,” os pensamentos são vistos como sensações e quem os guarda é a figura da alma como um pastor que vive a andar pelas mãos das estações, análogo a uma criança com o “pasma essencial de nascer” “para a eterna novidade do mundo”.

Sob a figura de Caeiro, tudo indica que seus estados seguem o curso da natureza. o ser natural significa seguir o curso da influência das transformações do mundo sobre quem ele é, ou como ele se sente, isto é, um Guardador de Rebanhos. De modo que as suas ideias se equiparam ao rebanho e este rebanho são todos sensações, ausente de pensamentos, uma vez que pensar para ele é estar doente dos olhos e não compreender .

Sinto-me nascido a cada momento
Para a eterna novidade do Mundo...
Creio no Mundo como num malmequer,
Porque o vejo. Mas não penso nele
Porque pensar é não compreender...
O Mundo não se fez para pensarmos nele
(Pensar é estar doente dos olhos)
Mas para olharmos para ele e estarmos de acordo...
[...]Sou um guardador de rebanhos.
O rebanho é os meus pensamentos
E os meus pensamentos são todos sensações.
Penso com os olhos e com os ouvidos
E com as mãos e os pés
E com o nariz e a boca.
Pensar uma flor é vê-la e cheirá-la
E comer um fruto é saber-lhe o sentido.
Por isso quando num dia de calor
Me sinto triste de gozá-lo tanto,
E me deito ao comprido na erva,
os quentes,
Sinto todo o meu corpo deitado na realidade,
e sou feliz.(PESSOA, 1993. p, 39.)

Ter a alma a andar pelas mãos das estações, ser como o vento que passa, que lhe diz que é vento e que passa, ser como o rio que corre, ter o olhar nítido como um girassol, sentir desagrado quando o verão lhe passa quente na frente e agrado quando

lhe passa brisa, traz a subjetividade em formação consonante com as coisas sem mistério, sem misticismo, sem dentro, apenas existindo. Nesse sentido seria uma subjetividade sem o intelecto por dizê-la, uma subjetividade sem filosofia em que o ser próprio “consiste em não ver senão o visível” (Pessoa, p.51)

Segundo Caieiro, “as coisas não têm nome nem personalidade” (p, 51), estes atributos são fruto da linguagem dos homens pois que precisam falar delas, mas ao contrário disso as coisas como são não têm mistério de representação, elas são coisas simplesmente sem carecer de significação ou síntese de totalidade. “A natureza não tem dentro senão não era natureza”

O mistério das coisas, onde está ele?
Onde está ele que não aparece
Pelo menos a mostrar-nos que é mistério?
Que sabe o rio e que sabe a árvore
E eu, que não sou mais do que eles, que sei disso?
[...] Vi que não há Natureza,
Que Natureza não existe,
Que há montes, vales, planícies,
Que há árvores, flores, ervas,
Que há rios e pedras,
Mas que não há um todo a que isso pertença,
Que um conjunto real e verdadeiro
É uma doença das nossas ideias.
A Natureza é partes sem um todo.
[...]Foi isto o que sem pensar nem parar,
Acertei que devia ser a verdade
Que todos andam a achar e que não acham,
E que só eu, porque a não fui achar, achei.
(PESSOA, 1993, p. 63)

Veja-se que a subjetividade como quem guarda rebanhos e esses rebanhos como sendo sensações, olhos, ouvidos, boca, nariz e mãos. O eu que não é mais que rio e árvore, isto é, sem dentro e sem mistério vive a andar pelas estações com a natureza, a guardar o que achou em sensações/pensamentos, ao falar e amar a natureza, ao conviver com ela indissociavelmente, essa quenão sendo outra coisa senão natureza partes, sem todo e sem mistério o faz achar misturado com os rios, flores e árvores e ervas o que “devia ser a verdade que todos andam a achar e que não acha, pois que não há dever ser nas coisas” e ele ao sentir e guardar todas as sensações com a naturalidade que as coisas são, afirma em seu último poema em *O guardador de Rebanhos*:

Meto-me para dentro, e fecho a janela.
Trazem o candeeiro e dão as boas-noites.
E a minha voz contente dá as boas-noites.
Oxalá a minha vida seja sempre isto:
O dia cheio de sol, ou suave de chuva,
Ou tempestuoso como se acabasse o Mundo,
A tarde suave e os ranchos que passam
Fitados com interesse da janela,
O último olhar amigo dado ao sossego das árvores,
E depois, fechada a janela, o candeeiro aceso,
Sem ler nada, sem pensar em nada, nem dormir,
Sentir a vida correr por mim como um rio por seu leito,
E lá fora um grande silêncio como um deus que
dorme.(PESSOA,1993, p.72)

Pois bem, com esta citação final do Caeiro e da discussão na qual tentamos demonstrar acerca de como a subjetividade se manifesta nos principais personagens literários, os quais Fernando Pessoa fala em nome deles, o que pudemos observar foram expressões que caracterizam uma fluidez subjetiva em todas estas figuras, desde Bernardos Soares a Alberto Caeiro. Mesmo que nos primeiros personagens/autores se possa notar uma interiorização, representação das emoções de se sentir assim, demonstre um desassossego como em Soares, ou um conformismo desprezioso de nada por esperar, como se não houvesse mais novidade na vida como é visto por Reis, ou de uma angustia paralisante, de uma vida emotiva indecifrável como temos em Campos, ou em Caeiro, o poeta da natureza, diferente dos outros no sentido de não ter um dentro em oposição às sensações como sensações, envolto numa subjetividade como se estivesse pelas mãos das estações e como um rio que corre por seu leito, o que estivemos por pontuar consiste no fato de que em todos eles do que pudemos elencar a subjetividade enfrenta o problema de estar dispersa, em mutilação, partida, múltipla, fragmentada, fluida, sem referência, descontraída de alguém que a possa designar numa unidade.

Desse modo, enxergamos que esse fenômeno típico dos escritos pessoanos, em articulação com os problemas que abordamos acerca da questão da identidade pessoal, contextualizado com a heteronímia, a ortonímia, a vida objetiva de Pessoa e a presença do semi-heterônimo Bernardo Soares, todos estes aspectos, no levam a conceber que a temática da identidade pessoal em Fernando Pessoa, tal como é encarada em filosofia se faz digna da formação de um paradigma relevante, um contraponto a ser dialogado

com a perspectiva da identidade narrativa da subjetividade estabelecida por Ricoeur como vimos no primeiro capítulo. Diálogo que pretendemos dissertar nas páginas finais posteriores, no sentido de partindo do caso pessoano nos aproximar dos limites conceituais da identidade narrativa ricoeuriana e do mesmo modo, auxiliados pela luz dessa tese também elucidar pontos que nos auxiliem a contribuir para uma possível colaboração ao debate de se investigar a temática da identidade pessoal, como é encarada em filosofia frente ao caso pessoano.

3. RICOEUR E O CASO PESSOANO

3.1 Ricoeur e a mesmidade do caráter

Acerca da identidade pessoal, partindo da perspectiva ricoeuriana, temos que esta discussão concentra-se em um campo de investigação voltado para as ações, as práticas, os hábitos, a trajetória e o projeto de vida em que uma pessoa vem a percorrer ao longo dessa história. Nesse sentido, de acordo com a sua explicação, no decorrer desse universo real de praticidade por onde perpassa o movimento da *identidade-ipseidade*, por um lado nós temos o fenômeno do caráter como uma forma de permanência no tempo, formado e sedimentado por hábitos adquiridos e reconhecimentos com outrem, em que o idem, o mesmo, se sobrepõe ao ipse e é desse modo, ou seja, pelo caráter enquanto disposições duráveis e identificações adquiridas⁸ que a identidade de uma pessoa se torna identificável e reidentificável.

Com essa estabilidade extraída dos hábitos e das identificações adquiridas, em outras palavras, das disposições, o caráter garante, ao mesmo tempo a identidade numérica, a identidade qualitativa, a continuidade ininterrupta na mudança e, finalmente a permanência no tempo que definem a mesmidade. Direi de modo quase paradoxal que a identidade do caráter é realmente o “que” do “quem”.[...] Aqui se trata da sobreposição do o quê? ao quem?, que faz deslizar da pergunta quem sou eu? para a pergunta o que sou eu? (RICOEUR, 2014. p, 123)

Por estes termos, compreendemos que, para Ricoeur, a questão o que sou eu? Corresponde ao caráter enquanto disposições e identificações adquiridas no decorrer de uma história de uma vida associadas às ações e práticas que uma pessoa adquire e com as quais se identifica ao longo do tempo percorrido em sua história. Os hábitos e as identificações adquiridas de uma pessoa respondem à pergunta que diz respeito ao que ela é, sendo sua identidade identificada pelos traços marcantes do seu caráter. Desse modo, do ponto de vista do caráter e do idem de uma pessoa, o que ela é decorre da identificação dos hábitos que esta pessoa adquiriu e com as figuras e os valores, normas e ideais com quem tem identificação e se reconhece através deles. No entanto, estas

⁸ Ver primeiro capítulo tópico 1.5.

características da identidade segundo Ricoeur, dizem respeito apenas ao modo de permanência no tempo referente à designação emblemática da mesmidade da identidade pessoal e não abrange totalmente a questão, ou seja, a questão de ser a pessoa ela mesma, como a mesma pessoa. Também existe um outro polo de permanência no tempo associado ao cumprimento da palavra, do qual iremos falar mais adiante.

3.2 O caso pessoano do caráter

Trazendo essas caracterizações referentes ao caráter, para o caso pessoano, poderíamos perguntar, por exemplo, o que foi Fernando Pessoa, no sentido da designação emblemática da mesmidade em sua vida ao longo de sua história? A associação corresponde à resposta para essa pergunta no sentido Ricoeuriano seria: foi uma pessoa que entre tantos hábitos e identificações adquiridas se identificou, sobretudo com o caráter de escritor, com a literatura, foi um homem que escreveu obras literárias durante toda a vida. Ora, mas tantos outros assim também o foram escritores? Qual é o traço forte do hábito adquirido de ser escritor na dimensão idem pessoana que constitui o seu caráter? Convenhamos que a heteronímia, a semi-heteronímia e a ortonímia seriam as suas disposições adquiridas mais fortes, como já vimos no capítulo anterior, o que culmina diretamente com um estilo dramático de fazer literatura no sentido *de se outrar*. Sendo assim, vejamos o que ele escreve em uma segunda Carta a Adolfo Casais de Monteiro datada de 20 de janeiro de 1935 acerca do assunto:

O que sou essencialmente — por trás das máscaras involuntárias do poeta, do raciocinador e do que mais haja — é dramaturgo. O fenómeno da minha despersonalização instintiva a que aludi em minha carta anterior, para explicação da existência dos heterónimos, conduz naturalmente a essa definição. (PESSOA, 1980. p, 211).

Ainda a respeito dessa forte disposição adquirida com a qual ele, pelo que parece se reconhece e se identifica enquanto escritor literário sob características peculiares de dramaturgo, em outra carta destinada a um crítico e amigo denominado João Gaspar Simões, datada de 11 de Dezembro de 1931, anterior à carta destinada a Casais de Monteiro, mantém o mesmo reconhecimento e identificação.

[...] são atitudes literárias, sentidas intensamente por instinto dramático, quer as assine Álvaro de Campos, quer as assine Fernando Pessoa.[...]O

ponto central da minha personalidade como artista é que sou um poeta dramático; tenho continuamente, em tudo quanto escrevo, a exaltação íntima do poeta e a despersonalização do dramaturgo.[...]Desde que o crítico fixe, porém, que sou essencialmente poeta dramático, tem a chave da minha personalidade, no que pode interessá-lo a ele, ou a qualquer pessoa que não seja um psiquiatra, que por hipótese, o crítico não tem que ser. Munido desta chave, ele pode abrir lentamente todas as fechaduras da minha expressão. Sabe que, como poeta, sinto; que, como poeta dramático, sinto despegando-me de mim; que, como dramático (sem poeta), transmudo automaticamente o que sinto para uma expressão alheia ao que senti, construindo na emoção uma pessoa inexistente que a sentisse verdadeiramente, e por isso sentisse, em derivação, outras emoções que eu, puramente eu, me esqueci de sentir. (PESSOA, 1980. p, 175).

Nesse sentido, pergunta: o que sou eu? trazida para o universo pessoano, sob o modelo que Ricoeur aborda em *O Si-Mesmo como Outro*, na perspectiva da mesmidade, em que o caráter, através das disposições adquiridas em vida se sobrepõe e coincide com o ipse, quando estamos por identificar uma pessoa baseado nos traços dos hábitos adquiridos e exercidos por ela durante sua vida, nos aponta para uma identidade, correspondente ao poeta, escritor Fernando Pessoa, que como se sabe e do que acabamos de ler através da explicação do próprio escritor, possui uma personalidade peculiar de artista na qual abrange os heterônimos, o ortônimo, semi- heterônimo, escritos em prosa, poemas e que todas essas disposições associadas ao caráter do escritor tem como chave mestra de sua expressão a dramaturgia.

Ainda de acordo com o Fernando Pessoa em análise, sobre a relação íntima entre sua obra e arte dramática, ele afirma que esta, independente de ser escrita sob a forma de um drama ou não, sua grandeza consiste no seu grau de despersonalização, uma vez que *o mau dramaturgo é o que se revela*. Dessa forma, ao se afirmar como poeta dramático, ele julga ter levado a poesia lírica ou qualquer expressão literária que tenha escrito até à poesia dramática.

Dê-se o passo final, e teremos um poeta que seja vários poetas, um poeta dramático escrevendo em poesia lírica. Cada grupo de estados de alma mais aproximados insensivelmente se tornará uma personagem, com estilo próprio, com sentimentos porventura diferentes, até opostos, aos típicos do poeta na sua pessoa viva. E assim se terá levado a poesia lírica — ou qualquer forma literária análoga em sua substância à poesia lírica — até à poesia dramática, sem, todavia, se lhe dar a forma do drama, nem explícita nem implicitamente. (PESSOA, 1966. p, 106)

Vejam os que se tomarmos a noção da identidade em seu polo *idem* como Ricoeur a apresenta, Fernando Pessoa teria uma identidade marcada por ser poeta e escritor e por ser poeta e escritor, seria reconhecidamente um artista marcado pela peculiaridade da despersonalização. Ou seja, um autor literário, no sentido que: é ao escrever sua obra a maneira de ocultar sua identidade que Fernando Pessoa, à medida que aprimora sua poesia dramática e sua habitual escrita despersonalizada, constitui seus traços de caráter distintivos que tornam-se cada vez mais marcantes e sua mesmidade, destacadamente identificada.

Todavia, seu caráter é uma mesmidade que, paradoxalmente, vale ressaltar, adquire seus traços de identificação, através de uma atividade cada vez mais em processo de estabilização de uma despersonalização dramática. Isso quer dizer, paradoxalmente que a mesmidade de Pessoa fora marcada por hábitos extremos de ocultação de sua identidade, a qual ele adquiriu em contato com e, ao exercitar a literatura em seu tempo, no contexto em que viveu e, cuja identificação adquirida por ele no vasto universo da história da literatura mundial, de acordo com seus escritos, fora Shakespeare.

Suponhamos que um supremo despersonalizado como Shakespeare, em vez de criar o personagem de Hamlet como parte de um drama, o criava como simples personagem, sem drama. Teria escrito, por assim dizer um drama de uma só personagem, um monólogo prolongado e analítico. Não seria legítimo ir buscar a esse personagem uma definição dos sentimentos e dos pensamentos de Shakespeare, a não ser que o personagem fosse falhado, porque o mau dramaturgo é o que se revela. [...] Negar-me o direito de fazer isto seria o mesmo que negar a Shakespeare o direito de dar expressão à alma de Lady Macbeth, com o fundamento de que ele, poeta, nem era mulher, nem, que se saiba, histero-epiléptico, ou de lhe atribuir uma tendência alucinatória e uma ambição que não recua perante o crime. (PESSOA, 1966. p, 106).

Tomando esta citação como exemplo, articulada a expressão despersonalizada da identidade vista em Pessoa dialogada à luz da concepção da identidade vista enquanto mesmidade estabelecida por Ricoeur em sua obra *O Si-Mesmo como Outro*, quando este se propõe a estudar o problema da identidade pessoal, e ao fazê-lo, define o caráter como a expressão da identidade mesmidade, no decorrer do desenvolvimento de uma vida. O que se diz da mesmidade de Pessoa perante a pergunta: o que sou? Do que foi explicado, temos a inferir que Fernando Pessoa foi uma Pessoa, cujo traço distintivo

de seu caráter consiste em ser poeta, escritor e dramaturgo em atividade literária de despersonalização.

Tendo essa compreensão em vista cabe ainda pontuar que ao escrever sobre seu caráter Pessoa nos relata da seguinte forma que espécie de homem considera ser:

É acerca do meu carácter que se impõe dizer algo. Toda a constituição do meu espírito é de hesitação e dúvida. Para mim, nada é nem pode ser positivo; todas as coisas oscilam em torno de mim, e eu com elas, incerto para mim próprio. Tudo para mim é incoerência e mutação. [...] o meu carácter é do género interior, autocêntrico, mudo, não auto-suficiente mas perdido em si próprio.[...] Todo o meu carácter consiste no ódio, no horror da e na incapacidade que impregna tudo aquilo que sou, física e mentalmente, para actos decisivos, para pensamentos definidos. Jamais tive uma decisão nascida do auto-domínio, jamais traí externamente uma vontade consciente. Os meus escritos, todos eles ficaram por acabar; sempre se interpunham novos pensamentos, extraordinárias, inexpulsáveis associações de ideias cujo termo era o infinito. (PESSOA, 1966. p, 17)

Ora, mesmo que esta reflexão pessoana acerca de seu próprio caráter não tenha sido escrita sobre o mesmo sentido, que Ricoeur atribui ao caráter, nos estudos de *O Si-Mesmo como Outro*, ainda, que esta análise seja algo muito mais voltado para sua imagem interior ou intimista de si mesmo, no sentido de um psicologismo, ainda assim, podemos perceber conexões entre sua prática literária despersonalizada e sua autoanálise interior, quando lemos por exemplo: “todas as coisas oscilam em torno de mim, e eu com elas, incerto para mim próprio. Tudo para mim é incoerência e mutação”. Ou quando, com o mesmo tom de significação lemos: “o meu carácter é do género interior, autocêntrico, mudo, não auto-suficiente mas perdido em si próprio”.

Através de tais palavras podemos perceber conexões diretas com sua habilidade literária dramaturgica, a qual ele mesmo, atribui o mais alto grau de sua forma artística despersonalizada. Desse modo, isso nos leva a concluir que o caráter pessoano através do qual ele é identificado por seus traços distintivos adquiridos consiste em ser escritor dramaturgo e no sentido da dramaturgia em seu mais alto grau de despersonalização, no sentido de que a finalidade de sua literatura, ou de sua habilidade habitual enquanto escritor é outrar-se. E assim a faz em múltiplos personagens, ao que parece, numa situação oposta ao que Ricoeur atribui ao caráter e seu significado frente ao problema da identidade pessoal.

3.3 Ricoeur ea manutenção de si pela palavra cumprida

Já foi demonstrado, no primeiro capítulo desse trabalho e também retomado nas primeiras linhas deste mesmo capítulo, que a *identidade-ipseidade*, de acordo com os estudos de Ricoeur em “*O Si-mesmo como Outro*”, possui duas formas de permanência no tempo, a saber: o “caráter” e a “palavra cumprida”. Podemos observar que o caráter apresenta a sobreposição da dimensão idem da identidade sobre o ipse e que nesse sentido, através dos traços adquiridos pelo hábito e das disposições adquiridas em contato com alteridades que nos influenciam, por meio das quais nos identificamos, ele vem a designar a identidade mesmidade de uma pessoa, sendo esta uma circunstância “em que idem e ipse tendem a coincidir” (RICOEUR. p,118).

Por outro lado, ainda segundo Ricoeur, há também outra forma de permanência no tempo em que a manutenção de si se dá através da palavra cumprida. Esta, no que diz respeito à identidade, apresenta-se numa polaridade oposta à do caráter. Ou seja: não há sobreposição da identidade do mesmo sobre a identidade do si, idem e ipse não são coincidentes. Ao contrário do que ocorre com o caráter, na palavra cumprida, a identidade do mesmo se dissocia inteiramente da identidade do si. Com a noção de palavra cumprida o ipse se apresenta sem o suporte dos traços distintivos do caráter. Para Ricoeur a palavra cumprida é uma “noção essencialmente ética da manutenção de si” (RICOEUR. p, 177). É através da manutenção de si pela fidelidade da palavra dada que o eu presta conta de suas ações perante o outro.

Nesse aspecto, o cumprimento da promessa, como lembrado acima, parece realmente constituir um desafio ao tempo, uma negação de mudança: ainda que meu desejo mude, ainda que eu mude de opinião ou inclinação, “mantereí”[...]. Basta-se a si mesma a justificação propriamente ética da promessa, que se pode extrair da obrigação de salvaguardar a instituição da linguagem e de responder à confiança que o outro tem em minha fidelidade. Essa justificação ética, tomada como tal, desenrola suas próprias implicações temporais, a saber, uma modalidade de permanência no tempo capaz de ser polarmente oposta a do caráter (RICOEUR, 2014. p,125)

Ora, por que o cumprimento da promessa consiste numa negação de mudança e com isso, um modo de permanecer no tempo da ipseidade, em que o *ipse* se apresenta inteiramente sem o apoio e o socorro da mesmidade?

Quando tratamos do caráter, vimos que as disposições adquiridas pelo hábito ocorrem ao longo do percorrer da história de uma vida e em atividade prática, nesse sentido, existe um mecanismo de sedimentação e inovação dos hábitos adquiridos, onde, no perpassar de uma história, acabamos por sedimentar muitos hábitos e também por adquirir hábitos novos em função do movimento dinâmico de nossa vida. Assim também, das identificações adquiridas por outrem com as quais nos identificamos sedimentamos e mudamos valores, normas, ideais, modelos de figuras heroicas, etc. No entanto, dos traços distintivos adquiridos nessa dinâmica e que se sedimentam em nossas ações e práticas dá-se segundo Ricoeur a manutenção de si da identidade-ipseidade pela identificação e reconhecimento de uma pessoa pela mesmidade do caráter onde se tem a coincidência entre *idem* e *ipse*.

Ao se referir à manutenção de si pela palavra cumprida, Ricoeur compreende que a ipseidade aparece completamente dissociada do suporte da mesmidade, isto é, com o cumprimento da palavra, a *identidade-ipseidade* se apresenta inteiramente desprovida de hábitos adquiridos e identificações adquiridas e a manutenção de si da identidade ocorre pura e simplesmente pela fidelidade e o cumprimento da promessa.

O cumprimento da palavra diz respeito apenas à manutenção de si associada à responsabilidade do *quem*? Ela corresponde a alguém que se mantém em manutenção de si ao longo do tempo pelo cumprimento de uma palavra dada e basta que essa palavra seja dada a si mesmo. Ainda que passe por diferentes circunstâncias e modificações, entre perdas e acréscimos à manutenção de seu caráter, o mantimento da palavra expressa uma identidade – ipseidade em que, pela responsabilidade de prestar contas de suas ações aos outros, diante da pergunta: onde está quem agiu de tal forma? Segundo Ricoeur, pela característica própria da expressão da ipseidade pela palavra cumprida “essa resposta é: *Eis- me*, resposta que expressa a manutenção de si”. (RICOEUR. p, 177) .

3.4 O caso pessoano da manutenção da palavra

Navegadores antigos tinham uma frase gloriosa: “Navegar é preciso; viver não é preciso”. Quero para mim o espírito dessa frase, transformada a forma para a casar com o que eu sou: “Viver não é necessário; o que é necessário é criar”. Não conto gozar a minha vida, nem em gozá-la penso. Só quero torná-la grande, ainda que para isso tenha de ser o meu corpo e a minha alma a lenha desse fogo. Só quero torná-la de toda a humanidade; ainda que para isso tenha de a perder

como minha. Cada vez mais assim penso. Cada vez mais ponho na essência anímica do meu sangue o propósito impessoal de engrandecer a pátria e contribuir para a evolução da humanidade. É a forma que em mim tomou o misticismo da nossa Raça⁹

Esta é uma nota não assinada encontrada nos escritos de Pessoa, que, desde que fora trazida ao público tornou-se muito famosa dentro do contexto enigmático da vida pessoana, se diz que o trecho em aspas “Navegar é preciso; viver não é preciso” é uma famosa frase atribuída a um episódio histórico em que Pompeu, tendo que voltar para Roma com seus navegantes, ao se deparar com uma forte tempestade, no sentido de estimulá-los a seguir em frente e voltar para casa pronuncia-a e é o primeiro a embarcar em seu navio, pois era necessário levar trigo para Roma uma vez que a cidade passava por uma escassez de pão.

Quanto ao contexto em que a frase é empregada na nota pessoana, tudo indica que tem o tom e o sentido de uma decisão, uma ambição, um lema atribuído ao seu projeto de vida e ao qual ele pretende manter-se fiel. Isso nos leva a inferir, em interação com o que foi dito acerca do conceito atribuído a Ricoeur ao polo da ipseidade da palavra cumprida, que a nota pessoana perpassa pelo mesmo sentido de atribuição acerca da identidade pessoal que Ricoeur emprega a fidelidade do si pela promessa.

Se em Ricoeur a identidade, através da manutenção da palavra se apresenta como um desafio às mudanças ao qual o caráter está sujeito, em Fernando Pessoa, pelo que foi expressado na nota anterior e do que foi exposto de sua obra, bem como a grandeza que esta representa para a humanidade, junto com sua fixação pela criação e o alto grau que esta criação representa para a literatura, podemos inferir que o poeta tinha uma palavra a cumprir e à qual foi fiel durante toda a vida? Não esqueçamos que a passagem anterior trata-se de um autor no anonimato. No entanto, se levarmos hipoteticamente em consideração que sua ambição pessoal pela literatura fora tamanha e do modo dramaturgo e despersonalizado como a concebeu, que chegou ao ponto de “torná-la de toda a humanidade” ainda que para isso tenha tido que a perder como

⁹ Nota publicada pela primeira vez na primeira edição do volume Fernando Pessoa – Obra Poética, volume único, Companhia Aguilar Editores, 1965 (organização, introdução e notas de Maria Aliete Galhoz). Apud: Poesias/Fernando Antonio Nogueira Pessoa. Org.: Sueli Tomazini Cassal. Porto Alegre: L&PM, 2002: 5.

sua. O que teríamos, se a luz de Ricoeur houvessem Pessoa alguém fiel ao cumprimento de uma palavra?

Ora, se há alguém que cumpre a palavra, a manutenção da palavra em Pessoa está direcionada para sua obra com todas as características que lhe são atribuídas: contradição, dispersão, multiplicidade, dramaturgia, fragmentação, despersonalização, confusão, introspecção etc. Quando Adolfo Casais de Monteiro chega a lhe perguntar sobre a gênese dos seus heterônimos, Pessoa responde, ora como se estivesse separado deles, ora como se eles tivessem o criado, especialmente a respeito de Alberto Caeiro a quem, como se sabe, dá o título de mestre. Nesta mesma carta, também revela que desde os seis anos de idade se viu diante da necessidade de criar amigos imaginários, com quem convivia frequentemente.

Desde criança, tive a tendência para criar em meu torno um mundo fictício, de me cercar de amigos e conhecidos que nunca existiram. (Não sei, bem entendido, se realmente não existiram, ou se sou eu que não existo. Nestas coisas, como em todas, não devemos ser dogmáticos.) Desde que me conheço como sendo aquilo a que chamo eu, me lembro de precisar mentalmente, em figura, movimentos, carácter e história, várias figuras irrealis que eram para mim tão visíveis e minhas como as coisas daquilo a que chamamos, porventura abusivamente, a vida real. Esta tendência, que me vem desde que me lembro de ser um eu, tem-me acompanhado sempre, mudando um pouco o tipo de música com que me encanta, mas não alterando nunca a sua maneira de encantar. (PESSOA, 1986. p,199)

Isto é Pessoa foi tão fiel à sua ambição criativa e do modo dissonante como a expressou que chega a declarar através de Bernardo Soares que sua pátria é a língua portuguesa. Além do mais sua fixação pela literatura e pela heteronímia fora tão preponderante em seu modo de se situar no mundo que chega a afirmar acerca do seu relacionamento com Ophélia que deve obediência a mestres que não perdoam.

O eu pessoano está para a criação fictícia assim como a criação fictícia está para o eu pessoano, ele não seria drama se não fosse gente e não seria gente se não fosse drama, uma vez que sua obra consiste num “drama em gente em vez de atos”

O meu destino pertence a outra Lei, de cuja existência a Ophelinha nem sabe, e está subordinado cada vez mais à obediência a Mestres que não permitem nem perdoam. Não é necessário que compreenda isto. Basta que me conserve com carinho na sua lembrança, como eu, inalteravelmente, a conservarei na minha.(PESSOA, 1994. p, 36)

Vê-se que se há uma palavra que é cumprida e à qual Pessoa se mantém firme até o fim da vida ao longo de sua história e que ocupa lugar de destaque em sua ipseidade: é sua necessidade de criar, sua ambição de tornar-se mito, de tornar sua vida grande, torna-la de toda a humanidade e assim o faz e assim a posteridade o reconheceu.

Resta saber a quem se atribui, no sentido filosófico da identidade pessoal a responsabilidade da manutenção de si pelo cumprimento da palavra? Quem se apresenta e diz eis-me aqui na manutenção da identidade-ipseidadepessoana?

Paradoxalmente, a nota que citamos anteriormente e que expressa da melhor maneira o aspecto da promessa e da manutenção da palavra pessoana fora encontrada não assinada em seus arquivos. Entretanto, se atribui a ele a origem do registro. Ora mas quem é esse Pessoa?

Nota-se que nesta pergunta a respeito de quem se manteve fiel ao cumprimento da palavra, a resposta nos conduz para aquele que criou, que escreveu, que engrandeceu sua vida e a tornou de toda humanidade e que para isso correu o risco de perdê-la como sua. Este mesmo foi o que tornou seu corpo e sua alma a lenha desse propósito. Mas, quem é esta pessoa?

Baseado na linha estrutural da discussão desse trabalho tem-se que: Pessoa não é os heterônimos como o vimos, mas é até certo ponto a “mãe que os deu à luz”, e ao mesmo tempo enquanto ortônimo fruto de sua criação. É, pela mutilação de sua personalidade, Bernardo Soares, seu semi-heterônimo. É, na condição de sua *Tábua Bibliográfica* escritor ortônimo e heterônimo. É, na condição de ortônimo discípulo de Alberto Caeiro. É, psiquiatricamente histérico neurastênico. É, organicamente alguém que tem tendência desde criança para despersonalização. E por fim e por paradoxo na condição de sua *Nota Biográfica*, não é nada do que fora dito anteriormente, é pelo contrário, outra Pessoa diferente das classificações anteriores.

Isto é, se há alguém que mantém a palavra na identidade-ipseidadepessoana este alguém se apresenta múltiplo e ao mesmo tempo distinto entre estas multiplicidades, e é a todos eles que se deve atribuir o quem do si ou a ninguém, uma vez que ao exigir de Pessoa a responsabilidade do cumprimento da palavra, nos termos ricoeurianos, o que temos diante de nós é uma figura andrógena entre literatura, obra, drama e gente. Ao fazermos uma leitura Ricoeuriana deste caso, tanto o *idem* como *ipse* se apresentam sob o mesmo aspecto, a saber: enquanto gente, Fernando Pessoa é despersonalização dramática e enquanto artista e escritor, poeta dramático. Nesse sentido, tanto sob a

leitura do polo do caráter, quanto sob o polo da leitura da palavra cumprida, a manutenção do si pessoano, se é que assim podemos dizer, é a de “quem” se designa incerto, múltiplo, diverso e disperso, em movimento de despersonalização à fidelidade que mantém a sua palavra é seguir firme no propósito da sua vida enquanto necessidade de criar, e ao ponto de estar disposto a perder a própria vida como sua. E totalmente associada a este propósito, sua criação é ser poeta, é ser escritor e assim também a faz em drama de multiplicação. Tendo isso em vista, o que queremos pontuar é que, no caso pessoano, se há promessa a ser cumprida esta consiste em manter-se em dispersão e despersonalizado.

3.5 Ricoeur ea identidade narrativa

Em Ricoeur, a identidade narrativa corresponde à identidade da personagem, correlata à identidade da própria história. Nesse sentido a identidade narrativa da personagem se faz em construção com a identidade da história narrada. Dentro da concepção narrativa adotada por este autor há uma correlação necessária entre o enredo da história e a identidade da personagem. “À *Perda de identidade da personagem corresponde, assim a perda da configuração da narrativa*”(RICOEUR. 2014, p.156). Em suma, isso quer dizer que há também uma correlação entre uma história sob o aspecto narrativo e a identidade narrativa da personagem. Ou seja, para que se possa designar uma identidade tanto da história quanto da personagem do ponto de vista ricoeuriano faz-se necessário a existência de uma narrativa.

A noção de narrativa adotada por Ricoeur como vimos no primeiro capítulo¹⁰ está articulada entre o “estatuto do acontecimento” “composição de enredo”, “concordância discordante” e “configuração narrativa”. A compreensão da função, das características e do papel que esses termos contemplam na proposta narrativa de Ricoeur acerca da identidade pessoal implicará na relação dialética das duas formas de permanência no tempo a qual acabamos de debater: “caráter” (idem coincidente ao ipse) e palavra “cumprida” (ipse sem o apoio e o socorro da mesmidade).

Dessa correlação entre ação e personagem da narrativa resulta uma dialética interna à personagem, que é o exato corolário da dialética entre concordância e discordância desenvolvida pelo enredo da ação.

¹⁰ Ver primeiro capítulo tópico, **1.7.1:Características narrativas em prol da identidade pessoal.**

A dialética consiste em que segundo a linha de concordância, a personagem haure singularidade da unidade de sua vida considerada como totalidade temporal, também singular, que a distingue de qualquer outra. Segundo a linha de discordância essa totalidade temporal é ameaçada pelo efeito de ruptura dos acontecimentos imprevisíveis que a pontuam (encontros acidentes etc.); a síntese concordante-discordante faz que a contingência do acontecimento contribua para a necessidade de algum modo retroativa da história de uma vida, à qual se iguala a identidade da personagem. (RICOEUR. 2014, p. 154)

Ao reinscrever a dialética entre concordância e discordância típica da correlação entre ação e personagem em interação narrativa para o debate da identidade pessoal enquanto permanência no tempo ao longo de uma vida, ao mesmo tempo, Ricoeur insere a identidade narrativa como mediação entre as duas formas postas de permanência no tempo da identidade-ipseidade. Ou seja, a narrativa exerce a função mediadora entre os polos da mesmidade (caráter) e ipseidade (palavra cumprida).

Nesse sentido, caráter e promessa, enquanto polos opostos de permanência no tempo, sob a perspectiva de uma identidade narrativa que é correspondente à identidade da personagem, cuja vida é correlata à identidade de uma história narrada, configuram-se narrativamente, fazem parte da identidade pessoal de alguém. Sendo pois, esta a caracterização da identidade pessoal contextualizada e designada pela história de uma vida sob o ponto de vista ricoeuriano.

Em síntese, para Ricoeur, a identidade narrativa de uma vida através da mediação entre caráter e palavra cumprida corresponde à identidade pessoal de alguém, ou seja, como uma pessoa designa-se e é designada como ela mesma ao longo do tempo. Para o filósofo, “*responder a questão quem é contar a história de uma vida*”. (RICOEUR. 1997, p. 424).

3.6O caso pessoano da identidade narrativa

Pensar a caso de Pessoa à luz da concepção da identidade narrativa estabelecida por Ricoeur, nos põe diante dos seguintes questionamentos: há uma identidade pessoal em Fernando pessoal análoga à tese ricoeuriana? Sendo a identidade pessoal designada como a história de uma vida contada narrativamente numa correlação entre a identidade da personagem e a identidade da história, o que temos a dizer do caso pessoano à luz dessa interpretação? Ora, qual a identidade da personagem Fernando Pessoa tendo em vista a história de sua vida?

Ficou estabelecido que o problema da identidade pessoal para Ricoeur reside na relação dos polos de permanência no tempo entre caráter e palavra cumprida, sendo que a chave para esta questão perpassa por sua noção de identidade narrativa como mediação entre esses dois polos opostos. Acerca do que analisamos dessas dimensões atreladas ao caso de Fernando Pessoa pudemos perceber que tanto sob o aspecto da dimensão do caráter, quanto sob a dimensão da palavra cumprida sua identidade manifesta-se de forma a apontar para a alguém com tendência a despersonalização. Seja em seu ofício literário, (heterônimo, ortônimo/semi-heterônimo), seja no reconhecimento de análise pessoal de sua vida.

A origem dos meus heterônimos é o fundo traço de histeria que existe em mim. Não sei se sou simplesmente histérico, se sou, mais propriamente, um histeroneurasténico. Tendo para esta segunda hipótese, porque há em mim fenómenos de abulia que a histeria, propriamente dita, não enquadra no registo dos seus sintomas. Seja como for, a origem mental dos meus heterônimos está na minha tendência orgânica e constante para a despersonalização e para a simulação. Estes fenómenos – felizmente para mim e para os outros – mentalizaram-se em mim; quero dizer, não se manifestam na minha vida prática, exterior e de contacto com os outros; fazem explosão para dentro e vivo-os eu a sós comigo. (PESSOA.1982, p, 109)

Tendência orgânica para a despersonalização, simulação, separação entre interiorização mental e vida prática. Veja-se que aqui volta-se para a questão a qual indagamos no segundo capítulo¹¹: ou seja, há um Pessoa bibliográfico, escritor que dramaturgicamente escreve ortonimamente e heteronimamente separado de um Pessoa prático e objetivo? Ora se assim o for qual a identidade pessoana? Há uma narrativa no sentido que Ricoeur propõe, que exerça mediação entes dois polos extremos interioridade despersonalizada e vida prática? Consideramos que esse problema não é simples e que aponta um desafio e uma grande questão para identidade pessoal. Ou seja, entre uma separação de designação psicológica e uma designação prática de alguém como identificar que ela é a mesma? Entretanto, ao que parece, citação a seguir nos mostra o quão frágil era essa separação entre vida prática e mentalização interior despersonalizada no caso de Fernando Pessoa. No relato registrado por Ophélia acerca de como ele era numa situação de relacionamento prático real no namoro, ela afirma:

¹¹ Ver o tópico **2.1.2 Ortônimo**.

O Fernando era um pouco confuso, principalmente quando se apresentava como Álvaro de Campos. Dizia-me então: -- «Hoje, não fui eu que vim, foi o meu amigo Álvaro de Campos»... Portava-se, nestas alturas, de uma maneira totalmente diferente. Destrambelhado, dizendo coisas sem nexos. (Relato de Ofélia)

Além desse exemplo temos ainda como já citamos¹² a carta de término do namoro assinada por Álvaro de Campos, demonstrando claramente interferências e influências do fenômeno de tendência orgânica para a simulação e despersonalização na vida cotidiana e prática do poeta. Juntamente com esse exemplo podemos associar o fenômeno do semi-heterônimo Bernardo Soares, no qual a forma de escrita liga-se a princípio, com seu estado físico, quando ele nos diz que Soares lhe aparece sempre quando está cansado e sonolento. E também não podemos esquecer acerca do que vimos sobre o Bernardo Soares¹³ que ele é marcado por um profundo desassossego confuso, totalmente imerso em impressões sem nexos e que se julga até incapaz de narrar-se.

Desse modo, ao que tudo indica, trazendo o problema da identidade pessoal da forma como é encarada em filosofia para o caso pessoal, temos que, tanto enquanto mesmidade, quanto enquanto ipseidade, a identidade pessoal se designa como alguém dramaticamente despersonalizado. Nesse sentido, nota-se do lado do caráter pessoal um escritor dramaturgo que escreve despersonalizadamente através de um processo criativo de um sentir-outro e um outro que sente e escreve e cria outrando-se. E do lado da palavra cumprida alguém também indefinidamente multi-outro que só é propriamente quem é porque para manter-se fiel ao cumprimento da palavra se faz necessário criar e para isso tem que pagar o preço de perder a vida como propriamente sua.

Isso quer dizer que, se há uma identidade narrativa em Pessoa ao longo de sua vida análoga a identidade narrativa de uma personagem correlata a sua história, em que o caráter de sua mesmidade e a manutenção de si pela palavra cumprida são mediados por uma configuração narrativa, tornando-os parte concentrada dessa identidade narrativa temporal, teríamos então uma identidade pessoal também marcada por uma unidade em correlação com a dinâmica da unidade narrativa de sua história. No entanto, o que se tem em Pessoa é a história de uma personagem marcada pela falta de identidade, ou alguém que em vida e em obra designou-se assim e assim tem sido um

¹²Ver o tópico **2.1.2 Ortônimo.**

¹³Ver o tópico **2.1.3 Semi-heterônimo.**

enigma para a posteridade. E pelo que consta dos pressupostos da teoria ricoeuriana, esse é um problema limite para a identidade narrativa, pelo fato desta conceber a identidade como uma unidade narrativa particular concentrada numa totalidade de uma história. Acerca do caso pessoano, tudo indica que a história de sua vida pessoal perpassa por vários personagens, vários pessoas-eu, alguém múltiplo e distinto entre essas multiplicidades. Sendo assim o que se observa a acerca do caso da identidade pessoana em relação a tese de Ricoeur é que apesar de haver “narrativas de si” em Pessoa, não há uma “narrativa de si central” que unifique seu “eu”.

4. Considerações finais

O problema da identidade pessoal como é encarado em filosofia é resolvido sob o ponto de vista hermenêutico de Ricoeur com a definição do conceito de identidade narrativa. O que consiste em contar a história de uma vida correspondendo-a analogamente a identidade de uma personagem numa narrativa.

Desse modo a narrativa manteria uma vida concentrada numa totalidade singular capaz de lhe ser atribuída responsabilidade ética por aquilo que ela faz, por aquilo que ela promete, por aquilo que ela cumpre e pelos hábitos que ela adquire ao longo de sua história. Para Ricoeur só é possível uma qualificação ética da vida estando esta mesma vida concentrada numa singularidade capaz de corresponder a identidade pessoal, essa vida concentrada se define pela identidade narrativa de uma vida.”*Como um sujeito de ação poderia dar uma qualificação ética à própria vida, considerada por inteiro se essa vida não fosse concentrada? E como ela o seria, senão, precisamente em forma de narrativa*” (RICOEUR, 2014. P, 168)

E nesse sentido que para Ricoeur não há narrativa eticamente neutra. É por uma ética que Ricoeur propõe uma vida concentrada e é pela narrativa que se dá a sua configuração de concentração. Desse modo só faz sentido em conferir responsabilidade a alguém se houver um identidade concentrada em vida e tal configuração só ocorre mediante a garantia da narrativa. Logo, a função da mediação narrativa é manter a vida concentrada numa identidade se não há narrativa se perde a identidade concentrada da vida e por consequência não há como atribuir responsabilidade a alguém e não há como conceber uma ética. Sem identidade perde-se o sujeito ético e desse modo também não há como se reportar a outro, outra pessoa com outra identidade distinta da minha. Para Ricoeur uma ética sem identidade pessoal enquanto vida concentrada por uma narrativa é inconcebível. Aqui nós temos a seguinte equação: só há identidade pessoal de uma vida enquanto identidade narrativa; só há narrativa se houver concentração de uma vida numa unidade narrativa correlativa entre enredo e personagem numa história e só há sujeito a quem se atribuir responsabilidade se houver identidade pessoal.

Do que foi discutido, tudo leva a crer que o caso pessoano é uma situação que marca um caso-limite a tese de Ricoeur Pois, se a história da vida pessoana é identificada por alguém que por ele mesmo e por suas obras se designa totalmente despersonalizado, a quem atribuir identidade pessoal e por conseguinte responsabilidade

por suas ações? Ora, é possível para Ricoeur haver identidade Pessoal fora de uma unidade concentrada?

Do que se sucede dessas reflexões, temos os seguintes encaminhamentos:

1. A identidade narrativa em Ricoeur cristaliza-se numa exigência de uma vida singularmente totalizada capaz de ser designada apenas numa unidade, ainda que narrativa e perpassada por uma história. Ou seja, é incompatível para Ricoeur identidade pessoal e vida despersonalizada.
2. À luz de Ricoeur, se há identidade pessoal em Fernando Pessoa, necessariamente não há despersonalização. Logo, não há como conceder estatuto de identidade a alguém que se designa múltiplo e por se reconhecer assim, despersonalizado. E se há muitos aspectos dispersos de sua vida para que se possa lhe atribuir uma identidade pessoal, do que pudemos ver segundo Ricoeur, se faz necessário haver concentração destes aspectos numa singularidade.
3. Se o ortônimo Fernando Pessoa corresponde a ele mesmo, por Ricoeur deve haver uma unidade narrativa entre o ortônimo escritor e o ortônimo Fernando Pessoa social, numa dimensão ética, e objetivamente em vida a quem se atribui a responsabilidade das obras.
4. Para a noção de identidade pessoal em Ricoeur, a qual mantém consonância com a questão filosófica de como identificar alguém como sendo o mesmo ao longo do tempo tendo em vista momentos distintos de uma vida, é incompatível a existência de alguém, sem que lhe seja atribuída uma identidade pessoal enquanto uma unidade numa narrativa.
5. Entre Ricoeur e o caso pessoano, ou nós temos uma incapacidade da identidade narrativa de dar conta de um problema de identidade pessoal análogo a alguém múltiplo e disperso em vida, ou nós temos o caso pessoano nos propondo a pensar uma ressignificação de como encarar a questão subjetividade quanto a questão da identidade pessoal

Ora, desses 5 pontos dos quais acabamos de encaminhar de Ricoeur para a questão da identidade pessoal em Fernando Pessoa, percebemos particularidades muito importantes da concepção deste filósofo acerca da identidade pessoal e do papel da identidade narrativa em sua significação teórica deste problema. E de Fernando Pessoa para Ricoeur e para o problema da identidade Pessoal em filosofia o que podemos pontuar?

1 Objetivamente, existencialmente e temporalmente Fernando Pessoa esteve vivo. Possui uma data de nascimento, registro de filiação, registro de profissão, cartas assinadas com seu nome, obras que lhe são atribuídas, possuiu amigos, relacionamento afetivo etc. Isto é, por esse ponto de vista, não é uma obra de ficção meramente literária ou científica. Nesse sentido sob uma perspectiva filosófica ricoueriana deve haver uma identidade pessoal que o designe enquanto ele próprio em vida.

2 Ao levarmos em consideração os dados de sua *Nota Biográfica* assinada por seu próprio nome o que temos é alguém que não se responsabiliza pela criação das obras heterônimas, nem pela forma dramática de escrita, nem sequer por poemas ortônimos. Isso significa que se tomarmos a identidade pessoana por seus dados objetivos e práticos registrados em sua *Nota Biográfica* ao mesmo tempo não teremos ninguém que se responsabilize pela criação de Alberto Caeiro, Álvaro de Campos e Ricardo Reis. Nesse sentido nos surge a pergunta: quem os criou?

3 Se levarmos em conta o registro de sua *Tábua Bibliográfica* temos: Fernando Pessoa escritor que desenvolveu duas formas de escrita ortonímia e heteronímia. Ou seja, incompatível com o escritor de *Nota Biográfica*. No registro de *Nota Bibliográfica* ele cita os heterônimos como parte de sua forma de escrita em *Nota Biográfica* não. Desse modo temos as seguintes questões acerca da identidade: (i) quem escreveu as duas notas? (ii) A quem ele se refere em *Nota Biográfica*? (iii) É o mesmo, a quem ele se refere em *Nota Bibliográfica* e a quem ele se refere em *Nota Biográfica*? (iv) E tomando todos eles em consideração, designa eles a mesma identidade? Ao que parece temos aqui, ou um quem indefinido, ou uma identidade múltipla, ou identidades distintas entre si, ligadas ao mesmo nome. Nesse sentido a inquietação que nos aparece deste ponto é como situar este caso a temática da identidade pessoal em filosofia? E tomando em particular a tese ricoueriana, como ficaria a identidade narrativa com todas as suas características de configuração perante alguém que se identifica enquanto ele mesmo em multiplicidade?

4 Por outro lado, em relação às cartas a Casais de Monteiro e a Gaspar Simões, observamos a chave da personalidade do escritor artista por trás de toda criação, esta consiste em ser dramaturgo, enquanto atividade literária de despersonalização. Além do mais temos nessa mesma carta, o Fernando Pessoa escritor ortônimo discípulo de sua obra/escritor, o Alberto Caeiro. Desse modo, ainda persiste aqui a seguinte pergunta: Quem é o artista dramaturgo uma vez que paradoxalmente esta forma de arte consiste em despersonalizar-se?

5 Como considerar uma identidade, como se pretende conceber em filosofia mesmo através de uma narrativa como propõe Ricoeur a situações análogas ao caso pessoano? Se há alguém que afirma em carta por exemplo, ter tendência desde que se reconheceu como eu em criar para si outras personalidades e que ainda por cima fazem parte da riqueza cultural da humanidade? E que associa a causa para toda essa singularidade propriamente sua o fato de ter tido em vida tendência orgânica para a despersonalização? Do que se sucedeu desse trabalho a máxima consideração que se tem é que o exemplo Pessoa indica para a questão da identidade pessoal um exemplo vivo de alguém que só foi idêntico a si mesmo despersonalizando-se, sendo único à medida do drama em gente que foi, sendo múltiplo e que assim também mantém seguindo reconhecido pela história da literatura e pela história da humanidade.

Sendo assim, levando em consideração todo movimento argumentativo e conceitual do problema da identidade abordado nesse trabalho, juntamente com seu cunho filosófico e com os autores protagonistas com os quais dialogamos, esperamos ter colaborado inicialmente com uma perspectiva filosófica ao caso pessoano da identidade. Por outro lado, ao trazer a particularidade da complexidade da identidade pessoana para dialogar com a concepção filosófica ricoeuriana da identidade pessoal, esperamos ter colocado questões que lhe sirvam de colaboração para a elucidação dos limites do seu conceito de identidade narrativa. Além do mais, esperamos de alguma forma também ter provocado algum tipo de inquietação acerca da relação entre, identidade subjetiva, criação e obra de arte, sobretudo através das discussões que desenvolvemos em Fernando Pessoa. Destacamos que este campo de discussão será nosso agente motivador em nossas próximas pesquisas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BESSA, Jefferson Eduardo Pereira. **“Aparecera em mim o meu Mestre”**: a poesia dramática e o Outro em Fernando Pessoa e Alberto Caeiro. Tese de Doutorado, Rio de Janeiro, 2015. (UFRJ).

BOTTON, João Batista. **O caráter e a promessa em Paul Ricoeur**: uma perspectiva narrativa. Dissertação de mestrado. Santa Maria, RS, Brasil, 2010. (UFSM).

MASSAUD, Moisés. **Fernando Pessoa**: o espelho e a esfinge. São Paulo: Cultrix: Editora da Universidade Federal de São Paulo, 1988.

MOISÉS, Leyla Perrone. **Fernando Pessoa, alguém do eu, além do outro**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

OFHÉLIA, Relato. **O Fernando e eu**. Disponível em: <www.umfernandopessoa.com/uploads/1/6/1/3/16136746/fernando_e_eu.pdf>. Acesso em: 10 de março. 2017.

PESSOA, Fernando. **O livro do desassossego por Bernardo Soares**. Vol.I. Fernando Pessoa. (Recolha e transcrição dos textos de Maria Aliete Galhoz e Teresa Sobral Cunha. Prefácio e Organização de Jacinto do Prado Coelho.) Lisboa: Ática, 1982. Disponível em: <<http://arquivopessoa.net>>. Acesso em: 2 de março. 2017.

_____. **Escritos Íntimos, Cartas e Páginas Autobiográficas**. Lisboa: Publ. Europa-América, 1986. <Disponível em: <http://arquivopessoa.net>>. Acesso em: 2 de março. 2017.

_____. **Poesias**. (Nota explicativa de João Gaspar Simões e Luiz de Montalvor.) Lisboa: Ática, 1942 (15ª ed. 1995). Disponível em: <<http://arquivopessoa.net>>. Acesso em: 2 de março. 2017.

_____. **Textos de Crítica e de Intervenção**. Lisboa: Ática, 1980. <<http://arquivopessoa.net>>. Acesso em: 2 de março. 2017.

_____. **Revista Presença**, nº 17. Coimbra: Dez. 1928 (ed. facsimil. Lisboa: Contexto, 1993). Disponível em: <<http://arquivopessoa.net>>. Acesso em: 2 de março. 2017.

_____. **Poemas de Alberto Caeiro**. (Nota explicativa e notas de João Gaspar Simões e Luiz de Montalvor.) Lisboa: Ática, 1946 (10ª ed. 1993). Disponível em: <<http://arquivopessoa.net>>. Acesso em: 2 de março. 2017.

_____. **Poesias de Álvaro de Campos**. Lisboa: Ática, 1944 (imp. 1993). Disponível em: <<http://arquivopessoa.net/textos>>. Acesso em: 2 de março. 2017.

_____. **Odes de Ricardo Reis**. (Notas de João Gaspar Simões e Luiz de Montalvor.) Lisboa: Ática, 1946 (imp.1994). Disponível em:<<http://arquivopessoa.net>>. Acesso em: 2 de março. 2017.

_____. **Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação**. (Textos estabelecidos e prefaciados por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho.) Lisboa: Ática, 1966. Disponível em:< <http://arquivopessoa.net>>.Acesso em: 2 de março. 2017.

RICOEUR, Paul. **O Si – Mesmo como Outro**. Trad. Ivone C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

_____. **Tempo e Narrativa: Tomo III**. Trad. Roberto Leal Ferreira. Campinas-SP: Papirus 1997.

SOARES, Martinho Tomé Martins.**Paul Ricoeur: um olhar de seus leitores.**"Não sei quantas almas tenho": A fragmentação do "eu" em Fernando Pessoa/Bernardo Soares, à luz da tese da identidade narrativa de Paul Ricoeur. In Corá, Elsie José; Nascimento, Cláudio Reichert (org.), , Curitiba, PR: CRV, 2014, pp. 135-148.

STEFANI, Jaqueline. **A constituição do sujeito em Paul Ricoeur: uma proposta ética e hermenêutica.**Dissertação de mestrado. São Leopoldo, janeiro de 2006.

VIANA, Cristina Amaro. **O Enigma Filosófico da identidade Pessoal**. Dissertação de Mestrado. Marília, 2007. (UNESP).